

**RELATÓRIO DE PROSPECÇÕES REALIZADAS NO
MUNICÍPIO DE MONTALVÂNIA, MG
dias 3 a 12 de agosto de 1976
pelos membros da Missão Franco-Brasileira
de Lagoa Santa (URA nº 5, RCP nº 394, Setor
de Arqueologia do Museu de História Natural UFMG)**

Desde o ano de 1974, o Sr. Prefeito da Cidade de Montalvânia, Antonio Montalvão, está empenhado em descobrir e fazer conhecer as gravações rupestres do seu município. O Patrimônio Estadual, interessado em avaliar o interesse arqueológico destas, aproveitou a presença de uma missão internacional, com membros especializados no estudo da arte rupestre, da qual participa uma equipe de arqueologia na Universidade Federal de Minas Gerais para pedir que alguns pesquisadores fizessem uma prospecção de alguns dias na região.

O Patrimônio Estadual colaborou, fornecendo uma parte do material necessário e colocando um avião à disposição do grupo de intervenção para as viagens; a Prefeitura de Montalvânia se encarregou dos gastos de pousada, locomoção no local, etc., enquanto a missão delegava seis membros (André Prous, José Eustáquio Teixeira, e por alguns dias, Carlos Mills, do lado brasileiro; Pierre Colombel, Sydney Anthonioz e Suzana Monzón, do lado francês), com outra parte do material. O prefeito, o Vice-Prefeito Sr. João Nilson Morães, e o guia João Vieira acompanharam os trabalhos uma parte do tempo.

MODALIDADES DE TRABALHO E OBJETIVOS:

Não se pretendia estudar a região, nem mesmo ter uma amostra representativa da arqueologia local, pois com o pouco tempo do qual se dispunha, só podíamos visitar os sítios já descobertos pelos colaboradores do prefeito, que tinham interesse somente para as inscrições rupestres. Pretendia-se, além da avaliação geral, pedida pelo IEPHA, fazer uma experiência para ver como obter o máximo de informações num tempo reduzido (algumas horas para cada sítio), testando novos tipos de fichas. De um modo geral, a fotografia ficou a cargo de S. Anthonioz, que tentou fazer a cobertura total dos painéis; as anotações sobre a decoração pintada ficou a cargo de S. Monzón e C. Mills; P. Colombel estudou mais as gravações e realizou moldagens e decalques de arte rupestre. A. Prous e J. E. Teixeira se encarregaram da descrição e topografia dos sítios, e da avaliação das possibilidades de se efetuarem escavações (para tanto, realizaram sondagens, e coletas de material de superfície).

Os sítios visitados foram:

- 3/VIII: Lapa de Poseidôn, Esquadriha, Multicores;
- 4/VIII: Labirinto, Lapa Escrevida;
- 5/VIII: Hidra, Vulcano, Arco, Bíblia;
- 6/VIII: Cipó norte, Cipó leste;
- 7/VIII: Lapa do Atol, Lapa de Ezequiel;
- 8/VIII: Lapa de Ananias Reis;
- 9/VIII: Gigante, Dragão;
- 10/VIII: Serra Preta oeste, Serra Preta leste;
- 11/VIII: Mamoneira;
- 12/VIII: Centimanos.

As três lapas visitadas no sábado 7, e no domingo 8, encontram-se no Estado da Bahia, e foram estudadas para ver as relações entre as sinalações vizinhas dos dois estados. A descrição destes sítios não está apresentada neste relatório, destinado apenas ao IEPHA de Minas Gerais.

Este relatório tem como finalidade, somente informar sobre as principais características dos sítios, e facilitar o planejamento de eventuais futuras pesquisas, permitir o tombamento e a proteção dos locais e informar sobre as possibilidades turísticas deles. Porém, não se trata de um estudo, pois a documentação trazida da expedição ainda não foi tratada. Em conseqüência, as observações relativas à arte rupestre, aqui apresentadas, são puramente subjetivas e sujeitas a revisão. O relatório completo, incluindo o estudo das informações recolhidas, deve estar pronto até o final de 1977.

Para cada sítio, nós indicamos: o nome (em geral, dado pelo Prefeito Antonio Montalvão), número de código, as vias de acesso, o proprietário, a paisagem, uma planta topográfica e, eventualmente, cortes estão anexos; uma descrição breve do material arqueológico encontrado e das possibilidades de se fazerem escavações sistemáticas; segue uma breve descrição da arte rupestre, uma avaliação geral do interesse do sítio, da sua conservação, das possibilidades de proteção e de utilização, para fins turísticos.

A REGIÃO ARQUEOLÓGICA DE MONTALVÂNIA

As informações, das quais dispomos, são atualmente limitadas às coletadas durante a nossa curta permanência, e às encontradas num relatório intitulado "Cadastramento das grutas e abrigos sob rocha do município de Montalvânia", da autoria dos Profs. Fábio Marton Costa Santos e Ricardo Soares Boaventura (UFMG—SEPLAN). O Instituto Brasileiro de Arqueologia (IAB), com sede no Rio, visitou a região em 1974.

Nestas condições, é impossível ter uma idéia de conjunto da região arqueológica e das culturas que lá existiram. Só podemos indicar algumas etapas de trabalhos a serem realizados, e antes da análise do material por nós coletado, indicar as primeiras impressões sobre os sítios visitados.

ORIENTAÇÕES POSSÍVEIS DE PESQUISA:

- a) precisar-se-á procurar sítios que não sejam de arte rupestre, porque é provável que estes só nos apresentem um ou poucos aspectos das atividades dos autores de sinalações, e devem ter existido populações sem nenhum vínculo com as obras rupestres. Por exemplo, se tiveram lá grupos indígenas agricultores, é provável que tinham plantações em lugares menos secos. Por outra parte, a não ser quando há muita concorrência entre as populações e falta de espaço, as zonas próximas aos rios são ocupadas, de preferência às elevações e pequenos vales isolados (onde encontram-se, de preferência, as pictógrafias). É até provável que muitos sítios por nós visitados eram pouquíssimo utilizados pelos indígenas, talvez somente para fins rituais (Lapa do Cipó, por exemplo).
Vai ser necessário porém, estudar a região, tentando delimitar territórios, e, não estudar somente sítios avulsos, para entender o aproveitamento do espaço pelos diferentes grupos étnicos, provavelmente de adaptações econômicas variadas, que ocuparam a região;
- b) a petrografia poderá ajudar neste sentido a delimitar a circulação de matérias locais, pelo estudo dos instrumentos líticos. Estes são predominantemente feitos em sílex de duas variedades formados em camadas diferentes de calcário, que afloram em regiões distintas, ou em arenito silicificado, que somente é encontrado perto de São Sebastião dos Poções. A discriminação porcentual de cada matéria-prima (sílex branco, sílex escuro, arenito, mais calcedônia) em cada sítio deve dar resultados probatórios;
- c) uma vez isoladas as diferentes culturas pré-históricas sucessivas, torna-se-á necessário ligar cada uma às condições ecológicas (habitat ligado mais aos vales principais ou secundários; com habitat estacional ou permanente... por exemplo, fogueiras com abundância de *Strophocheilidae*, indica estação úmida; outros indicadores estacionais deverão ser encontrados);
- d) para facilitar esta avaliação da adaptação às condições ecológicas no passado, seria importante poder contar com a colaboração de paleobotânicos, geomorfólogos e zoólogos, afim de ver a evolução das condições naturais no passado, o que, inclusive, pode trazer informações sobre as tendências climáticas durante os últimos séculos, muito importantes em uma zona que parece encaminhar-se para um clima semi-árido. Tal reconstrução permitiria conferir a tentativa, atualmente realizada a partir dos documentos coletados na zona de Lagoa Santa, pela Missão Franco-Brasileira (1971-1976);

- e) Precisa também estudar as relações da zona com outras áreas do Estado de Minas Gerais e dos Estados vizinhos (sobretudo Bahia, Piauí e Goiás), para tentar discriminar as influências culturais recebidas do exterior, e os desenvolvimentos e adaptações locais (alguns dados já são sensíveis através da arte rupestre).
- f) Enfim, pode-se tentar fazer a ligação entre a história e a pré-história através da coleta de informações nos remanescentes indígenas da região limite entre Bahia e Montalvânia; um dos participantes do nosso grupo já manteve contatos com índios Xacriabá em 1974 (estudos efetuados pela UFMG à pedido da FUNAI) e deve voltar na divisa da Bahia para este fim em 1977.

Apesar da curta duração da nossa permanência em Montalvânia, procuramos levantar já, o máximo de informações sobre as possibilidades de se trabalhar nestas direções, levantando informações sobre os grupos indígenas, até na Bahia, coletando listas de vegetais e animais selvagens comestíveis, localizando focos de atividades tradicionais (cerâmica "caboclo", tecelagem caseira, etc.), e entrando em contato com um geólogo que vai prospectando a região e nos forneceu dados valiosos sobre as ocorrências de matérias-primas líticas. Estas informações estão conservadas no Setor de Arqueologia da UFMG, à disposição dos pesquisadores, desejosos de trabalharem nesta área.

do há muita concórdia entre as populações e falta de espas
mas nos são ocupadas, de preferência as elevações e pedregais altos
(onde encontram-se, de preferência, as pinturas). É até provável que muitos
sítios por nós visitados eram povoados pelos indígenas, talvez
somente para fins rituais (Lapa do Cão, por exemplo).

Val ser necessário porém, estudar a região, tentando delimitar territórios, e não
estudar somente sítios isolados, para entender o aproveitamento do espaço pelos
diferentes grupos étnicos, provavelmente de subgrupos econômicas variadas,
que ocuparam a região.

b) a petrografia poderá ajudar neste sentido a delimitar a distribuição de matérias-
líticas, pelo estudo dos instrumentos líticos. Estes são predominantemente feitos
em sílex de duas variedades formadas em camadas diferentes de calcário, que
afioram em regiões distintas do sítio estudado, que somente é encon-
trado perto de São Sebastião dos Poções. A distribuição porcentual de cada si-
matéria-prima (sílex branco, sílex escuro, etc.) não, mas catódica) em cada si-
tio deve dar resultados interessantes.

c) uma vez isoladas as diferentes culturas pré-históricas sucessivas, torna-se neces-
sário ligar cada uma às condições ecológicas (habitat, lagoa, etc.) mais ou menos pri-
cipais ou secundárias, com habitat estacional ou permanente... por exemplo, fo-
guéis com acúmulo de *Strophochloa*, indica estação úmida; outros
indicadores estacionais deverão ser encontrados).

d) para facilitar esta avaliação de habitat, as condições ecológicas no passado, se-
ria importante poder contar com a colaboração de paleobotânicos, geomorfo-
logos e zoólogos, a fim de ver a evolução das condições naturais no passado, o que,
inclusive, pode trazer informações sobre as tendências climáticas durante os últi-
mos séculos, muito importantes em uma zona que parece encaminhar-se para um
clima semi-árido. Tal reconstrução permitiria correlacionar a tentativa, atualmente
realizada a partir dos documentos coletados na zona de Lagoa Santa, para Minas
Franco-Brasileira (1971-1976).

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A REGIÃO NATURAL E ALGUMAS IMPRESSÕES PRÉVIAS SOBRE OS SÍTIOS VISITADOS:

A – ASPECTOS GEOGRÁFICOS:

A região estudada encontra-se entre os 14°15' e 14°30' sul e 44°10' – 44°25' oeste. Pertence à bacia dos rios permanentes, Cochá e Carinhanhã, cujos vales encontram-se entre 500 e 440m de altura. A partir da junção entre os dois, os vales estreitos transformam-se numa larga planície aluvial, às vezes com lagoas residuais de antigos meandros. Os vales secundários, transversais, foram cavados no calcário Bambuí, e os rios são todos intermitentes; o relevo é, então formado por vales secos e dolinas; o calcário, às vezes dolomitizado, é responsável por afloramentos abruptos, às vezes ruiformes, que dominam a planície a leste, os vales secundários a oeste. É no pé destas escarpas que cavernas e abrigos, formados na dolomita, foram decorados: de pinturas, nos sítios que dominam a planície e o vale do Cochá e do Carinhanhã, de gravações, nos sítios localizados acima dos pequenos vales. No contato entre as duas zonas, as jazidas (Labirinto e Gigante) apresentam tanto pinturas como gravações em quantidade importante.

Dentro do calcário, há formação de sílex, utilizado como matéria-prima industrial, pelos homens pré-históricos, enquanto o quartzo, mais comum em outras partes do grupo Bambuí, só dá cristais pequenos demais para serem aqui aproveitados. No limite noroeste da região estudada, existe vestígio de uma antiga camada de arenito que deve ter, antigamente, recoberto o calcário Bambuí.

A vegetação que pudemos observar foi, sobretudo, a chamada "caatinga" mineira, distinta da caatinga "*stricto sensu*" nordestina: trata-se, sobretudo, de uma mata seca com barrigudas e embarés, que ocupa os pequenos vales e as encostas do calcário, enquanto cactáceas tomam conta dos terrenos pedregosos (taludes e afloramentos). Um cerrado ocupa os patamares superiores, enquanto há vestígios de um campo limpo primário, na zona das lagoas.

Se a região da mata seca não parece muito favorável à agricultura, a sua vegetação oferece, porém, muitas possibilidades de alimentação: são comestíveis, entre outros, os cocos, castanhas e frutas de guariroba, umbu, xichapitomba, araçá, cagaita, caju, araticum, saputá, veludo, ingá, jatobá e maracujá; nota-se a presença de jenipapo, fornecedor de tinta preta, para pinturas corporais.

Esta mata esconde abundante fauna, inclusive ainda, espécies de porte grande, como pudemos, várias vezes, verificar "de visu", e que não iremos detalhar aqui. Nas mesmas lapas, são abundantes os recursos alimentares, como *Strophocheilidae* (grandes gasterópodos) também aproveitáveis para fabricar instrumentos, moços (caviídeos) cuja abundância permite ainda a proliferação das onças, porcos-domato, que deixam buracos no sedimento, ao cavar, à procura de alimentos...

A região parece, assim, ter oferecido condições ótimas de sobrevivência, tanto para grupos de pescadores e de agricultores (mas somente perto dos dois rios principais) como para grupos de caçadores coletadores, sobretudo se se levam em conta os indícios de que o clima num passado não muito remoto deve ter sido mais úmido, facilitando a obtenção de água, nos vales altos, durante o ano todo.

B – ALGUMAS IMPRESSÕES SOBRE OS SÍTIOS VISITADOS:

Alguns dos sítios (Labirinto, Poseidôn, Dragão, Mamoneira e talvez Gigan-

te) devem ter sido habitados, pelo menos na estação úmida, enquanto outros nunca o foram (Serra Preta, Cipó, Vulcano...). Não sabemos se foram utilizados para sepultar os mortos (há ossos humanos erodidos no Labirinto, mas não urnas funerárias fora da zona das grutas). Em todo caso, mesmo se estes sítios rupestres são devidos a agricultores, terão sido decorados fora da zona de ocupações habituais. Por isso, é necessário procurar os sítios "complementares" dos que foram visitados até agora.

Em relação à arte rupestre, podemos insistir sobre a originalidade do uso da técnica de gravações, que parece desconhecida nas áreas vizinhas e até na Bahia próxima. Em compensação, muitos temas gravados são os mesmos representados nas pinturas, e quase todos os sítios com gravações, apresentam algumas pinturas no teto.

As gravações parecem ser feitas, de preferência, em zonas mais interiores e escuras que as pinturas. Mas terá que se verificar se esta impressão é justificada ou se a razão vem dos lugares mais fáceis de serem decorados com esta técnica ficarem mais nos afloramentos subhorizontais, mas internos.

Sinais e objetos parecem estar quantitativamente mais numerosos em gravações, enquanto os zoomorfos — sempre raros — seriam mais freqüentes nas pinturas.

Já indicamos que os sítios com pintura dominante, estão localizados mais perto dos rios Cochá e Carinhanhã ou da planície aluvial; é também nestes sítios que parecem ter sido mais desenvolvidos os sinais "complexos", aliás aparentados a pinturas bem semelhantes da Bahia (município de Carinhanhã) e de Januária, em Minas; estes sítios seriam justamente os que podiam ter mais facilmente sofrido influências externas, por serem mais próximos a vias de comunicação (Vale do Carinhanhã, afluente do São Francisco).

A relativa pobreza temática da arte rupestre local deve, por outra parte, facilitar o estudo e a comparação dos sítios entre si. Juntamos uma lista dos tipos que pudemos isolar, antes mesmo do estudo ter-se iniciado, e que deve ser praticamente completa. Terá que se fazer o estudo de repartição quantitativa e qualitativa por sítios e por conjunto.

A presença de instrumentos, vários encabados, é o fato novo. No Piauí, suspeita-se da existência de representações de propulsores, mas elas não são muito nítidas. A existência desta arma, e de outras aqui representadas, causa vários problemas de interpretação, de grande interesse, no que toca às relações tecnológicas entre grupos indígenas pré-colombianos.

Os primeiros estudos parciais devem estar realizados até o fim do ano, e ser então publicados.

Em relação ao material recolhido nas escavações e coletas de superfície, podemos frisar o interesse do material lítico de sílex, que permitiu a fabricação de vários instrumentos típicos e especializados. Quanto à cerâmica, é ainda cedo para ligá-la a uma das tradições já definidas no Sul do Brasil, e não se deve afastar em um caso, a possibilidade de uma influência da cultura chamada "tupi-guarani" em alguns locais. Porém, a cerâmica da maior parte dos sítios, não decorada, afasta-se dos tipos tupi-guaranis e da cerâmica da "Fase Cochá" definida pelos pesquisadores do Instituto de Arqueologia Brasileira em outros sítios da região, porém mais próximos do rio São Francisco. A presença, em ambas as cerâmicas geralmente de antiplástico de hematita não sendo suficiente para estabelecer uma vinculação cultural entre elas.

ANEXO: LEVANTAMENTO PROVISÓRIO DA TEMÁTICA RUPESTRE DE MONTALVÂNIA:

Para facilitar a compreensão das descrições, apresentamos aqui uma relação das formas de figuras pintadas e gravadas. Não pretende ser completa, porém deve comportar a maior parte dos tipos, tão pobres e repetitivas são as inscrições da região.

A terminologia aqui usada é provisória, sendo que o estudo do material coletado ainda não foi iniciado. A nomenclatura também é mais evocativa do que objetiva, e visa somente a facilitar a leitura, quando falamos de sol ou de estrelas, não pretendemos que tais eram os sentidos dados pelos primitivos habitantes de Montalvânia aos desenhos assim denominados neste trabalho.

Separamos aqui também várias figuras que podem ter o mesmo significado, mas correspondem umas a pictógrafos e outras a petróglifos (figs. 11 e 22, por exemplo).

Faremos a distinção entre sinais, objetos, biomorfos, antropomorfos e zoomorfos.

SINAIS

- Complexos, agrupando formas geométricas e "atlantes" biomorfos (fig. 1), particularmente freqüentes na Lapa da Mamoneira.
- Retangulares ou ovalados, com traços internos (com várias cores, no caso de pinturas). Fig. 2.
- Curvilineares, com formas variadas.
- Simples angulosos, formados com uma linha reta atravessada por linhas retas ou quebradas, curvas concêntricas. Frequentemente com uma extremidade curva (figs. 3 e 4).
- "Estrelas", com extremidades desdobradas (fig. 5).
- Figuras geométricas diversas: pectiformes, xadrez, retângulo com linhas paralelas; pectiformes com bolas terminais, "pregos" (fig. 7-10).
- Simples digitados:
 - bastonete ou oval com apêndices filiformes em uma (fig. 11) ou duas (fig. 12) extremidades.
 - "pés" com 3,4,5, ou 6 "dedos" (fig. 13).
 - retângulos com apêndices em um ou dois lados (fig. 14).
- Simples circulares:
 - círculos simples, concêntricos, com ponto central (fig. 15).
 - linhas paralelas de pontos; espiral; espiral com "lasso" (fig. 17);
 - círculos com linhas internas em xadrez; "sóis" radiados (fig. 18) ou com linhas internas (fig. 19).

INSTRUMENTOS (?)

Trata-se de uma das categorias mais interessantes e originais da região. A interpretação é às vezes duvidosa ainda. Destacaremos:

- Pontas, dardos (fig. 20)
- Propulsor, às vezes com o dardo em posição (fig. 21). Tipo "A".
- Fuso (?) (fig. 22).

- Machado e enxó (?) (fig. 23).
- Faca de metal (?) com apêndice zoomorfo (fig. 24).

BIOMORFOS

De corpo redondo:

- Sem apêndices, anterior nem posterior (Fig. 25).
- Com apêndices, anterior e posterior (Fig. 26).

De corpo filiforme (provavelmente antropomorfos) (Fig. 27).

ANTROPOMORFOS

- Filiformes, alinhados (Fig. 28). Este tipo de representação parece restrito aos sítios de pinturas, na margem esquerda do rio Cochá.
- De corpo cheio (Fig. 29).

ZOOMORFOS

- Quadrúpedes, representados de perfil (Fig. 30).
- Quadrúpedes vistos de cima ("plongée") (Fig. 31).
- Pássaros vistos de frente, asas abertas (Fig. 32).
- Pássaros vistos de perfil, asas fechadas, pernas compridas (Fig. 33).

Biomorfos, zoomorfos e antropomorfos são as figuras menos freqüentes, sobretudo em se tratando de petróglifos.

CONCLUSÃO

A região de Montalvânia parece muito rica em sítios e material arqueológico. Provavelmente não o é mais do que muitas outras do Estado, mas os arqueólogos podem lá contar com a ajuda efetiva das autoridades locais e de membros diversos da população. Pode-se, assim, obter muito mais rapidamente dados para orientar as pesquisas, facilidades para o trabalho de campo, e, esperamos, para permitir a conservação dos sítios e a educação do público local neste aspecto. Por isto, parece importante aproveitar estas condições favoráveis antes que a região, em consequência do seu desenvolvimento previsível seja destruída, como foi a de Lagoa Santa, por exemplo.

Por outra parte, com pequena melhoria das estradas locais, seria possível promover um roteiro turístico incluindo as grutas decoradas que indicamos, e outras de grande beleza natural, porém sem vestígios arqueológicos, como a chamada de "catedral", a mais linda da região. Porém, tem-se que entender primeiro, que antes de qualquer tentativa neste sentido, devem ser tomadas as providências para a proteção dos sítios contra o vandalismo, educando os moradores locais a não mexer, e a *não deixar mexer* ninguém sem autorização escrita do Patrimônio Federal, até que seja instalada uma infra-estrutura de fiscalização e de organização do turismo (fechamento dos sítios, partes reservadas, guias para mostrar e proteger...).

Parece-nos que o Patrimônio, tanto Estadual como Federal, poderia aproveitar a boa vontade e espontânea ajuda do atual prefeito, do vice-prefeito e de vários fazendeiros, para oficializar um centro de documentação local, que seria também um lugar de fiscalização, em colaboração com o IPHAN e o IEPHA, através do Setor de Arqueologia da UFMG, encarregado de pesquisar, no Estado de Minas Gerais, no campo da arqueologia. Já as autoridades municipais se prontificaram a colaborar neste sentido, se tivessem um mínimo de ajuda da parte do governo.

Sendo assim feito, podemos esperar conseguir bom sucesso em pesquisas que, além da área arqueológica, deveriam se interessar aos aspectos etnográficos e sociológicos da região.

LAPA DE POSEIDÓN (nº 7 no mapa)

Visitada dia 3 de agosto. Uma nascente de água temporária existe ao lado, mas o ponto de água permanente mais próximo encontra-se atualmente a uns 3km. Na encosta, a vegetação primária de mata seca foi substituída por uma vegetação arbustiva secundária.

TOPOGRAFIA:

A lapa abre-se na base de uma escarpa que domina a região. Alguns blocos calcários enormes isolados antecedem o local arqueológico. O sítio compõe-se de 2 abrigos, que comunicam por um sistema de galerias escuras, mas não ao ponto de se precisar de luz artificial para enxergar.

O abrigo meridional (30 x 12m) é mais baixo, mas é atualmente seco; vestígios de erosão, e concrecionamento mais recente que parte da decoração rupestre, comprovam que não foi sempre assim no passado. A altura do teto varia entre 2 e 5 metros; um pequeno relevo, provocado pela caída de material, separa o interior do abrigo da zona externa, mas sem criar obstáculo ao passo ou à vista. A vegetação, dentro do abrigo, está formada por herbáceas baixas e raras. Tais condições tornam o abrigo excelente para habitação, sobretudo se teve água permanente no passado. Por outra parte, o chão horizontal permitiu a conservação de sedimento, o que torna possíveis escavações estratigráficas; e realmente, uma sondagem (nº 2) mostrou a presença de uma camada superficial de sedimento pulverulento de cor cinza (provocado pela alteração do calcário) espessa de 5 até 10cm, e que continha vestígios arqueológicos. Uma parte deste abrigo está decorada por pinturas (P1-P4) e algumas gravações muito discretas existem em lugares pouco visíveis (G1, G2).

Pode-se ir do abrigo sul para o abrigo norte tanto pelo exterior como pelo interior da lapa. No primeiro caso, precisa-se trepar sobre blocos enormes caídos do teto, para chegar-se numa plataforma de teto pintado (P5), de onde se desce ao norte passando por outros blocos desabados.

Ao passar pelo interior, entra-se num corredor estreito e ladeado por duas plataformas de mais ou menos 1,5m de altura; a da esquerda é completamente coberta de inscrições gravadas (G3). O teto é muito baixo, de tal modo que quem subir sobre a plataforma decorada não pode ficar levantado. Para sair do corredor, trepa-se sobre pequena escarpa à direita, chegando no abrigo norte. Todo o rochedo é polido e brilhante, devido à freqüentação humana prolongada no estreito corredor.

O abrigo setentrional tem 15m de comprimento e quase tanto de profundidade, mas o fundo tem o teto tão baixo que somente pode-se ficar em pé na metade do abrigo mais perto da saída. O limite da zona alta corresponde com um piso de pedra, causado pelo afloramento do calcário, aqui também polido e coberto de gravações (G5) enquanto a metade externa do abrigo, tem um solo granuloso fino de sedimento marrom claro de espessura desconhecida, mas superior a 50cm. Este solo deve estar a mais ou menos 2 metros acima do nível do abrigo meridional. O teto está em vários lugares, decorado por pinturas (P6, P7); dois pequenos conjuntos gravados existem também no limite setentrional do abrigo. Esta parte norte, notável pelas superfícies polidas e gravadas, não parece muito favorável a uma ocupação humana, sendo separada do exterior por uma linha alta de desmoronamento que chega até a altura do teto, tornando o lugar bastante escuro desde 10 horas da

manhã no inverno, e tornando a saída difícil. Quando se sai à esquerda do abrigo, tem uma pequena plataforma não abrigada que poderia ter sido utilizada pelos homens pré-históricos, mas que não tivemos tempo de testar.

O MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Duas sondagens foram iniciadas, uma em cada abrigo, para ver se escavações seriam justificadas, e se poderiam tentar ligar as obras rupestres a uma ou várias culturas pré-históricas definidas, ou pelo menos a períodos cronológicos.

Sondagem nº 1 (50 x 50 x 56cm) somente permitiu encontrar alguns caramujos grandes da família *Strophocheilidae*, cujos membros atuais ainda são abundantes na zona. Apesar de nós não termos chegado até o fundo, a ausência de vestígios parece confirmar a impressão de que o abrigo norte não foi uma zona de ocupação.

Sondagem nº 2 (100 x 100 x 60cm) no abrigo meridional deu grande quantidade de material. Embaixo de uma camada mexida ("0"), escavamos uma camada cinzenta ("1") que continha 2 fogueiras, das quais uma circundada por pedras. Estas fogueiras continham cacos de uma cerâmica escura não decorada (potes de 20cm de abertura na boca), grande número de lascas de sílex, poucas outras de arenito silicificado, lascadas pelo homem e às vezes retocadas ou com vestígios de uso (facas). Uma destas lascas tinha na superfície algumas gotas de tinta mineral vermelha. Também foram retirados das fogueiras ossos de pássaro grande, de tatu e de anta, juntos com conchas de gasterópodos queimadas, demonstrando a função alimentar destas fogueiras. A partir desta camada com cerâmica, desciam duas perfurações verticais cilíndricas, de 10 e 12cm de diâmetro, das quais uma continha pedras pequenas, e que devem ter sido buracos de poste. Ao redor destas fossas, o sedimento (camada "2") é uma argila alaranjada de decomposição muito compacta, com raros pontos de carvão, e 2 lascas retocadas (peça com escotadura e faca) de sílex, nos 20cm superiores; é difícil saber se eles são intrusivos ou não nesta camada. Por falta de tempo, não pudemos prosseguir a sondagem mais abaixo.

Superfície: No abrigo meridional, perto do paredão, aparece um abundante material erodido pelas águas e por várias pessoas que parecem ter feito escavações no sedimento superficial. Trata-se de alguns cacos de cerâmica, todos pertencendo a vasos de 20 até 24cm de boca, e sobretudo de uma multidão de lascas de sílex, jaspe... de cores variadas; uma, retocada, tem pátina múltipla, atestando a possibilidade de vários períodos de ocupação. Há também vários núcleos e lascas de diferentes tipos que mostram que o trabalho de lascamento da pedra devia ser feito "*in loco*".

ARTE RUPESTRE:

A decoração dos abrigos é de dois tipos: pintada e gravada.

As pinturas não são nem muito numerosas nem muito espetaculares. Todas se encontram no teto ou nas partes mais altas das paredes, até vários metros de altura. No abrigo sul, há antropomorfos bem conservados e outras pinturas em parte apagadas por concrecionamento de calcita. A plataforma intermediária externa tem o painel pintado melhor conservado no seu teto: conjunto complicado de figuras brancas em parte cobertas por outras marrons, superpostas. Uma das figuras brancas foi repintada, sem maior modificação, em marrom. As figuras brancas representam

alguns zoomorfos do tipo "batráquio" e "tartaruga" além de figuras geométricas pontilhadas ou filiformes. As figuras em vermelho são menos nítidas.

As gravações são a parte mais espetacular e estão reservadas quase que exclusivamente ao abrigo norte e à zona intermediária interna. No total, ocupam uma área de uns 50m². São traços filiformes e superfícies picotadas superficialmente em lajes horizontais ou pouco inclinadas e polidas (um pequeno grupo de gravações encontra-se porém no teto, no limite da zona intermediária). Não é ainda muito certo se o polimento da rocha vem exclusivamente do gasto produzido pela frequência humana, ou se resulta também de uma preparação da superfície. Algumas gravações são cobertas por concrecionamento fino de calcita, ou erodidas pelas águas; uma ou outra gravação carece da pátina observada nas outras, e parece mais recente, apesar de ser do mesmo estilo e pertencer à mesma temática. As gravações são muito próximas umas das outras, apesar de não chegarem a ser superpostas (ao contrário do que acontece no caso das pinturas).

Os temas incluem zoomorfos semelhantes aos pintados, como "tartarugas" e "batráquios" com patas traseiras digitadas. Porém, a maioria das gravações trata de figuras geométricas (conjuntos de círculos, segmentos de círculos às vezes concêntricos, "estrelas", linhas retas atravessadas por linhas curvas ou retas quebradas "xadrez", linhas sinuosas...), ou de objetos que parecem possuir cabo e serem armas: pontas de dardo, lanças, machados, provavelmente propulsor (com o dardo em posição)... e cuja forma vai, em certos casos, criar problema de interpretação sobre a origem e difusão. Enfim, são comuns as figurações semelhantes a "pés" humanos, apesar de algumas terem um número de "dedos" anormal (de 3 até 6), ou de estes serem curiosamente compridos e divergentes.

INTERESSE DO SÍTIO:

A Lapa de Poseidôn deve sem dúvida ser protegida: já existem alguns "graffiti" e o sedimento do abrigo sul foi em parte perturbado (a metade talvez). Para fechar o abrigo, poderia se seguir a linha de desmoronamento existente; a cerca teria uns 60m de comprimento. A escavação do sítio permitiria saber quais as culturas que lá residiram e talvez associar uma delas a parte das obras. Por exemplo, o fato de se ter encontrado corante vermelho numa sondagem, com possibilidade de datação, mostra que elementos podem ser conseguidos. Pode-se esperar encontrar também objetos como picões que foram utilizados para fazer as gravações. Atualmente, só podemos supor que as obras foram feitas num momento em que o nível cárstico local era mais alto que o atual, sendo que várias obras são concrecionadas, o que não implica obrigatoriamente, que o clima geral era mais úmido. Tem possibilidades de que uma parte da decoração tenha sido feita pela população ceramista que se instalou no abrigo sul, reservando a parte norte para fins "rituais"... somente escavações poderiam permitir chegar a algumas conclusões. Em todo caso, existiu uma ocupação completa, à vista das estruturas alimentares e residenciais encontradas, e da riqueza em material trabalhado.

Seria também interessante e não muito complicado efetuar uma moldagem integral das gravações; talvez uma semana de trabalho com duas pessoas fosse o suficiente para realizá-la, e permitiria o estudo em laboratório, assim como a conservação destes vestígios.

A utilização do sítio para fins turísticos não é impossível, mas deve ser

controlada. Este é o conjunto mais imponente de gravações da região, mas não se pode deixar gente passar em cima delas porque a fricção repetida vai acelerar a erosão dos sulcos já pouco profundos. Por outra parte, tem-se que proteger o sedimento a ser escavado, a não ser que as escavações sejam realizadas logo, deixando somente uma testemúnha que seria mais facilmente controlada, em zona fora da passagem. Para organizar visitação do sítio, teria-se que melhorar a picada que vai subindo ao sítio para facilitar o acesso ao turista comum; seriam visitadas no abrigo norte as gravações G4,5 e 6, o acesso às galerias das zonas intermediárias devendo ser proibido; seria bom instalar uma luz rasante para facilitar a visão das gravações. Também podia ser visitado o abrigo sul, delimitando a zona de passagem.

INTERESSE DO SÍTIO

A área de passagem deve ser protegida, a existência de um sedimento de argila sul foi em parte perturbada (a metade talvez). A escavação do sítio permitiria saber quais as culturas que lá existiram e talvez associar uns dados e cores das cores. Por exemplo, o fato de se ter encontrado cerâmica vermelha numa superfície, com possibilidade de datação, mostra que alimentos podem ser conseguidos. Poderia esperar encontrar também objetos como peças que foram utilizadas para fazer as gravações. Atualmente podemos dizer que as obras foram feitas num momento em que o nível existia local, mas que a atual sendo que várias obras são desconhecidas. Não se pode dizer, portanto, que o clima geral era mais úmido. Tem possibilidades de que uma parte da decoração tenha sido feita pela população ceramista que se instalou no sítio sul, reservando a parte norte para fins rituais... Somente escavações poderiam permitir chegar a algumas conclusões. Em todo caso, existe uma ocupação completa, à vista das estruturas alimentares e residenciais encontradas e da riqueza em material ritualístico.

As gravações também interessantes e não muito complicadas estão em um abrigo integral das gravações, talvez uma semana de trabalho com duas pessoas fosse o suficiente para testá-las e permitir-lhes o estudo em laboratório, assim como a conservação das vestígios orgânicos, pois não é possível, mas deve ser a utilização do sítio para fins turísticos não é impossível, mas deve ser mantida a zona de passagem.

LAPA DA ESQUADRILHA (nº 6 no mapa)

TOPOGRAFIA

A lapa tem três abrigos vizinhos, que parecem estar alagados em período de chuvas; da direita para a esquerda, os abrigos medem 30 x 8m, 29,50 x 17 e 6,70 x 8,40m.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO

No sedimento superficial foram achados 8 cacos, dos quais 5 pertenciam a uma cerâmica corrungulada, e 13 fragmentos erodidos de sílex lascado (um deles retocado). Talvez compensasse fazer uma sondagem no pé da parede do abrigo da esquerda, perto de um painel gravado muito baixo, que parece ser em parte coberto pelo sedimento; pode-se desta maneira esperar uma datação *ante qua*.

ARTE RUPESTRE

Existem 16 setores pequenos com gravações picotadas. Um dêles mostra três alinhamentos paralelos de pontas (de dardo?) enquanto outro é formado de pequenos biomorfos sem cabeça nem rabo. Em outras partes, tem círculos concêntricos, linhas curvas paralelas, "lanças" com grupos de pontos, zoomorfos em perspectiva "plongeante"; há também figuras ambíguas, lembrando ao mesmo tempo aspectos ornitomorfos, antropomorfos e características de sauros. Existe enfim uma figura ovalada com apêndices numa extremidade.

As gravações estão em bom estágio geral de conservação, e tornariam possível uma exploração turística. A proteção do sítio requer somente o fechamento dos abrigos.

LAPA DOS CENTIMANOS (nº 5 no mapa)

O abrigo está numa zona alta, já bem em cima do vale, e longe de qualquer ponto de água atual. O terreno está ocupado por uma mata seca primária, mas os afloramentos rochosos estão cobertos de cactáceas, o conjunto podendo lembrar a "caatinga".

Não tivemos tempo para fazer a prospecção do conjunto, mas parece que o abrigo está na extremidade de um conjunto cárstico muito dissecado, formado de vários "muros" paralelos com lapiaz, e pontes e galerias permitindo a comunicação por cima e por baixo entre as diversas linhas de relevo. A dissolução formou figuras de erosão de grande beleza, e as agulhas de calcário ressoam como cristal quando recebem um golpe, mesmo leve; o som se transmite melhor do que o da voz, entre as linhas de pedra. Vários abrigos estão localizados neste conjunto, mais baixo que o sítio aqui apresentado, que não pudemos estudar.

A TOPOGRAFIA

Do sítio é difícil de ser descrita; a parede de pedra é perfurada à esquerda, formando um túnel pequeno e bem iluminado, que atravessa o primeiro "muro" natural. Lá se formou um caldeirão de erosão, cujas paredes verticais foram gravadas (I) enquanto o teto recebia pinturas. Logo à direita abre-se outro corredor, este maior e bem escuro, com gravações na parede vertical do corredor, (II), e outras no piso inclinado da pequena sala que segue (III); desta sala saem duas outras galerias que levam a outras saídas. Para se chegar aos dois corredores precisa-se subir um pequeno abrupto de 1,50m. Ainda à direita tem um minúsculo abrigo, cujo teto tem algumas pinturas (IV).

Outras gravações e pinturas existem a uns 400m mais longe, que não tivemos condições de visitar.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Não tem abrigo aproveitável pelos homens na Lapa dos Centimanos. É possível que os abrigos vizinhos tenham sido ocupados, sobretudo se o nível freático local foi mais alto que o atual no passado, ou se o clima foi mais úmido.

ARTE RUPESTRE

As pinturas estão localizadas nas duas extremidades da parte decorada e nas zonas mais luminosas como aliás acontece em quase todas as grutas da região. O painel da esquerda (I) aproveita as protuberâncias de calcário que descem do teto em cima do caldeirão.

São sinais retangulares pretos divididos por traços perpendiculares e paralelos, um "sol" radiado vermelho, semicírculos, uma linha reta cruzada por semicírculos concêntricos. As gravações se agrupam em três conjuntos principais. Um painel bem iluminado (I) tem quase que exclusivamente círculos concêntricos (de 2 até 4) e uma "bengala". O conjunto nº 2 tem os mesmos temas, só que desta vez as "bengalas" são mais numerosas que os círculos (simples, ou 2 concêntricos). Além disso aparecem alguns instrumentos encabados machado e enxó? além da presença do biomorfo tridáctilo e do filiforme. O maior painel (III, perto de 2m²) tem ainda "bengalas", além de linhas retas atravessadas por traços retos ou quebrados; é possí-

vel que estejam também representados um machado e talvez um fuso.

INTERESSE:

Este local dificilmente pode ser visitado por turistas, porque as principais gravações estão em local estreito, e não se pode deixar um número grande de pessoas passar em cima delas, e ter a parede à disposição para riscar "graffiti". Somente a parte externa das obras poderia ser mostrada. Mas a beleza natural do sítio, a conservação da vegetação, poderiam permitir fazer uma reserva natural neste local, fechando as galerias de acesso às gravações internas, por meio de três pequenas grades, o que não impediria ver as obras dos painéis I e IV.

Arqueologicamente, não se pode esperar muito de uma escavação à proximidade imediata das obras rupestres; deve ser completada a prospecção dos arredores em busca de um local mais favorável.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Não tivemos tempo nem luz para fazer o levantamento de parte meridional ou para procurar material de superfície. Porém, parece provável que o sítio tenha sido ocupado, por causa de sua morfologia entalada. Porém, se apresentar, evidentemente, um sítio camêneo.

ARTE RUPESTRE:

As pinturas, muito estranhas e de cor vermelha e laranja, incluem um ou outro elemento tridimensional e duas linhas desenhadas paralelas. As gravações são muito mais espetaculares, as do painel A, mais expostas ao intemperismo estão intencionalmente em parte estranhas e ilegíveis. Linhas retas de até 3 metros de comprimento correm ao longo de uma faixa de parede. Uma das linhas parece representar um propulsor, outra tem uma linha de base. As duas outras linhas dominam círculos simples, concêntricos ou com ponto central. As duas outras representações são um biomorfo tridimensional e outro cilindro. Nota-se a presença de dois modos bem diferenciados de pictograma: um tridimensional muito fino, e outro bem mais grosseiro. O painel "B", muito calcado, tem os mesmos sinais circulares, mais "bonitos", biomorfos tridimensionais, sinais curvilíneos, linhas e pentágonos situados por cima das curvas concêntricas. O painel "C", tem sinais curvilíneos complexos num plano calado. O painel "D", no teto baixo, em parede vertical, tem uma série de "óss" alinhados, um sinal de tipo "oculus", semicírculos concêntricos, o sinal ovalado com apêndices numa extremidade. A gravação "E", colada, mostra os círculos alinhados numa linha ovalada.

LAPA DA BÍBLIA DE PEDRA (nº 4 no mapa)

Várias entradas de grutas são visíveis no pé do paredão, mas a entrada do sítio arqueológico é muito discreta, bem à esquerda, e tem que se abaixar muito para passar pela atual entrada (norte). Porém, o abrigo está bem aberto para o leste, mas enormes blocos desmornados dificultam muito a entrada deste lado.

TOPOGRAFIA:

O local pode ser dividido em três partes:

A zona sul forma um abrigo largo e alto de 10 x 3m, de chão horizontal coberto por um sedimento amarelo intato. A entrada natural é fechada, como já dissemos, por blocos de até 10m de comprimento, desprendidos do teto. A única marca deixada pelos homens pré-históricos é um sinal gravado no meio do paredão. Na zona norte, o teto vai baixando gradativamente até a entrada atual, e um pequeno painel gravado encontra-se nesta saída, no teto agora muito baixo; a parte interna tem um chão muito irregular, ocupado por rochedos e afloramentos calcários em forma de morrinhos, nos quais estão os principais painéis gravados. Algumas pinturas estão ainda visíveis no teto. A terceira parte, mais ocidental, é formada por galerias que saem atrás das pedras gravadas (A, B) para se dirigir a uma chaminé por uma parte, e a galerias baixas por outra. A exploração destas galerias não foi completada.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Não tivemos tempo nem luz para testar o sedimento da parte meridional ou para procurar material de superfície. Parece pouco provável que o abrigo tenha sido ocupado, por causa da sua incômoda entrada. Poderia se apresentar, evidentemente, um sítio cemitério.

ARTE RUPESTRE:

As pinturas, muito estragadas e de cor vermelha e laranja, incluem um pequeno biomorfo tridáctilo e duas linhas quadradas paralelas.

As gravações são muito mais espetaculares; as do painel A, mais expostas ao intemperismo estão infelizmente em parte estragadas e ilegíveis. Linhas retas de até 3 metros de comprimento correm ao longo de uma aresta de pedra. Uma destas linhas parece representar um propulsor, outra tem uma linha de barbelas. Ao lado destes sinais dominam círculos simples, concêntricos ou com ponto central. As únicas outras representações são um biomorfo tridáctilo e outro filiforme.

Nota-se a presença de dois modos bem diferenciados de picotamento: um trabalho muito fino, e outro bem mais grosseiro.

O painel "B", muito calcitado, tem os mesmos sinais circulares, mais "bengalas", biomorfos tridáctilos, sinais curvilíneos, linhas e bengalas atravessadas por linhas curvas concêntricas.

O painel "C" tem sinais curvilineares complexos num bloco caído; o painel "D", no teto baixo, em parede vertical, tem uma série de "pés" alinhados, um sinal de tipo "cactus", semicírculos concêntricos, o sinal ovalado com apêndice numa extremidade.

A gravação "E", isolada, mostra círculos alinhados numa figura ovalada.

INTERESSE:

As gravações são muito boas, apesar de algo estragadas por intemperismos. O lindo painel "A" poderia ser mostrado ao público, se fosse preparada uma entrada entre os blocos caídos na parte norte, onde eles são relativamente pequenos. Bastaria então fechar a atual pequena entrada para controlar as visitas.

A diferenciação dos temas em função dos painéis e a presença de duas técnicas de gravação tornam o sítio particularmente interessante para a compreensão de vários problemas ligados à arte rupestre.

ARTE RUPESTRE

INTERESSE

LAPA DO ARCO (nº 8 no mapa)

A Lapa do Arco encontra-se na mesma linha de afloramento rochoso que a Bíblia de Pedra e Vulcano; dista do último sítio de 500 metros.

Ao longo do escarpe, um pouco da mata seca foi ainda preservada, mas em outras partes, inclusive perto do sítio, esta foi substituída por pastagens secas. O ponto de água estacional fica a uns 800m. O caminho de acesso apresenta paisagens de grande beleza, devida ao aspecto ruíniforme do calcário erodido.

O rochedo neste lugar forma um arco de pedra, que deu nome ao sítio; embaixo e à direita do arco estão três "pilares" juntivos de pedra, nos quais foram feitas as gravações; em cima deles, o teto é pintado. O abrigo tem 15m de comprimento para um máximo de 4 de profundidade. Saindo do abrigo e à direita dele, existe uma pequena gruta de entrada elevada e que não foi explorada.

Nenhum material foi encontrado na superfície do sedimento local.

As pinturas do teto, bem conservadas, mostram minúsculos antropomorfos e zoomorfos, séries de pontos e sinais diversos.

Dois painéis de gravações (um deles coberto por vestígios de pintura) mostram alinhamentos de "pés" (com 2 até 5 "dedos"), "cactus", semicírculos, uma "estrela", biomorfo de corpo redondo e diversos curvilíneos.

A beleza natural, à proximidade de Vulcano e da Bíblia, tanto como a facilidade do acesso justificaria a inclusão deste sítio num circuito turístico das grutas decoradas.

LAPA DE VULCANO (nº 3 no mapa)

O paredão calcário domina a parte oeste de um vale atualmente seco e que foi ocupado antigamente pela mata seca; agora, pastagens substituíram a vegetação original. Um minadouro encontra-se a 300m.

TOPOGRAFIA:

A Lapa de Vulcano é um pequeno abrigo caótico precedido por alguns enormes pilares rochosos que evocam uma sorte de vestíbulo, dando certa majestade a uma entrada muito pequena, de 6 metros de largura e em parte escondida por blocos caídos de frente do abrigo. O teto, extremamente baixo, não permite que um ser humano fique em pé, e torna o local muito escuro, sobretudo que para se entrar precisa-se passar pelos blocos caídos que interceptam boa parte da luz do dia. As gravações cobrem dois graus polidos do afloramento rochoso e um dos blocos caídos. Bem no fundo, uma passagem ainda mais baixa leva a uma segunda saída, poucos metros depois.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Não se deve esperar muita coisa de escavações que poderiam ser feitas no sedimento marrom claro em frente ao abrigo; o sítio é provavelmente pequeno demais. Inclusive, não apareceu nenhum material de superfície, o que foi raro nas grutas e nos abrigos de Montalvânia.

ARTE RUPESTRE:

Nem tem nenhum vestígio de pinturas e as lindas gravações picotadas não ocupam mais do que 2m². No painel principal, organizado ao redor de um grande antropomorfo, torna a aparecer o tema dos "pés", da espiral e dos pequenos biomorfos de corpo redondo, mais bengalas e talvez objetos com cabo. Um molde completo deste painel foi feito com látex.

INTERESSE:

Muito próximo de um bom caminho e de habitações, este pequeno abrigo deve temer muito do vandalismo daqui a pouco. Mas seria fácil protegê-lo, colocando uma grade de 6m na parte leste, mais outra pequena na saída meridional. É impossível fazer entrar o público neste espaço restrito, mas pode-se imaginar um sistema de luz artificial que permitiria aos turistas ver uma parte das gravações a partir do exterior.

LAPA DE VULCANO (nº 3 no mapa)

O paredão calcário domina a parte oeste de um vale atualmente seco e que foi ocupado antigamente pela mata seca; agora, pastagens substituíram a vegetação original. Um minadouro encontra-se a 300m.

TOPOGRAFIA:

A Lapa de Vulcano é um pequeno abrigo caótico precedido por alguns enormes pilares rochosos que evocam uma sorte de vestíbulo, dando certa majestade a uma entrada muito pequena, de 6 metros de largura e em parte escondida por blocos caídos de frente do abrigo. O teto, extremamente baixo, não permite que um ser humano fique em pé, e torna o local muito escuro, sobretudo que para se entrar precisa-se passar pelos blocos caídos que interceptam boa parte da luz do dia. As gravações cobrem dois graus polidos do afloramento rochoso e um dos blocos caídos. Bem no fundo, uma passagem ainda mais baixa leva a uma segunda saída, poucos metros depois.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Não se deve esperar muita coisa de escavações que poderiam ser feitas no sedimento marrom claro em frente ao abrigo; o sítio é provavelmente pequeno demais. Inclusive, não apareceu nenhum material de superfície, o que foi raro nas grutas e nos abrigos de Montalvânia.

ARTE RUPESTRE:

Nem tem nenhum vestígio de pinturas e as lindas gravações picotadas não ocupam mais do que 2m². No painel principal, organizado ao redor de um grande antropomorfo, torna a aparecer o tema dos "pés", da espiral e dos pequenos biomorfos de corpo redondo, mais bengalas e talvez objetos com cabo. Um molde completo deste painel foi feito com látex.

INTERESSE:

Muito próximo de um bom caminho e de habitações, este pequeno abrigo deve temer muito do vandalismo daqui a pouco. Mas seria fácil protegê-lo, colocando uma grade de 6m na parte leste, mais outra pequena na saída meridional. É impossível fazer entrar o público neste espaço restrito, mas pode-se imaginar um sistema de luz artificial que permitiria aos turistas ver uma parte das gravações a partir do exterior.

LAPA DA HIDRA (nº 1 no mapa)

Diferindo de muitos outros sítios, a Lapa da Hidra não domina muito a paisagem; é preciso até descer para penetrar no abrigo. Em conseqüência, a água erodiu grande parte do sedimento marrom que ocupa o chão, deixando um grande número de blocos que tornam o chão irregular. Atualmente, os arredores estão ocupados pelo carrasco e não têm água; porém, durante a estação das chuvas, um córrego se forma perto do sítio.

TOPOGRAFIA

O abrigo tem 13m de largura para 6 de profundidade, com dois de altura; dele saem três galerias de 7,10 e 13m de comprimento, tendo cada uma largura de 3 a 4 m; são bastante escuras, sobretudo a da esquerda, cujo teto é muito baixo, mas pode dispensar a luz artificial nas horas mais claras.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Foi coletado algum material erodido na superfície, embaixo do abrigo. 1 núcleo, 1 faca e 3 fragmentos de sílex, 1 núcleo de arenito silicificado. 20 cacos de cerâmica dos quais 6 muito erodidos lembram uma parte do material da Lapa Escrevida e do Labirinto; encontra-se também 1 caco escovado, 6 com engôbo branco interno e 2 com pintura vermelha em cima do mesmo engôbo; alguns outros cacos, sem decoração, e não erodidos. É o único lugar da região, que apresenta cerâmica com decoração policrômica em sítio de arte rupestre.

ARTE RUPESTRE

A parede do abrigo mostra algumas pinturas entre as entradas das galerias "A" e "B"; também, o teto de "B", ao limite com o abrigo, tem alguns "sóis" e zoomorfos em branco e vermelho.

Mais uma vez, a decoração que parece ser a mais importante é formada por gravações picotadas, sobretudo colocadas na sombra das galerias e cujas características mudam de uma destas zonas para as outras.

Na galeria da esquerda ("A"), as gravações cobrem todo o chão, formado pelo afloramento calcário polido, com poucos relevos que dão à zona uma forma que lembra um pé. As sinalações, muito densas mas sem superposições estão organizadas ao redor de dois sinais gêmeos retangulares com curtos apêndices em cada um dos dois lados menores, e que parecem aparentados aos "pés"; uma série de "pés" e formas derivadas, de tamanho menor e com 4 até 6 "dedos" os acompanham, circundados por espirais e raros biomorfos de corpo redondo, em grupos de dois. Alguns petróglifos existem também na entrada da galeria.

No corredor "B", central, os temas estão picotados sobre um suporte inclinado; a parte externa tem a mesma temática que "A" (espirais, biomorfos de corpo redondo, "pés"), mas a parte posterior muda completamente; a densidade diminui muito e há grandes representações de quadrúpedes com perspectiva "plongeante", de longo rabo, com sinais formados por linha reta atravessada por outras quebradas.

Na galeria "C", os painéis são mais discretos, pequenos e esparsos, localizados em paredes verticais. Há conjuntos curvilíneos, uma "estrela", linhas paralelas de pontos e um biomorfo de corpo redondo, talvez segurando um objeto (seria

um caso único). O fundo, mais escuro, não foi decorado.

INTERESSE DO SÍTIO

É difícil avaliar o interesse de uma escavação neste local; em todo caso, o material de superfície coloca o problema da eventual presença ou influência através da cerâmica de grupos "tupi-guaranis" num ambiente que lhes era estranho. Porém, seria necessário completar a amostra de vestígios, mesmo se não tivesse a possibilidade de coletá-los em estratigrafia primária.

Por outra parte, a qualidade e as características das gravações tornam o estudo da arte rupestre do local importante (em razão da localização, da distribuição temática nas galerias... que parecem obedecer a escolhas conscientes e racionalizadas).

Será infelizmente difícil permitir o acesso neste local ao público, porque os corredores "A" e "B", os mais bonitos, são estreitos e de acesso difícil; teria-se que autorizar o contato direto com as paredes trabalhadas.

Em compensação, seria fácil fechar o sítio, com uma grade de 15 metros. Já tem alguns "graffiti" na galeria "C", que mostram a urgência de se proteger esta Lapa.

LAPA ESCREVIDA (nº 2 no mapa)

A gruta se abre na parte alta do afloramento de calcário, numa zona rica em cristais de fluorita e calcita; a vegetação de mata seca foi aqui conservada. A água mais próxima fica a 800m.

Esta pequena gruta é bem abrigada, clara e seca, pelo menos fora da estação das chuvas, porque o chão é mais baixo no interior que no exterior.

A entrada da gruta se faz por um abrigo espaçoso de 8 x 10m com mais de 3m de altura do teto, e um chão plano; a zona teria dado um excelente lugar de moradia em período seco. Outros abrigos existem um pouco mais ao nordeste.

No limite oriental da entrada existe uma pequena escarpa que foi utilizada como suporte para as gravações de um painel secundário. Caminhando para o fundo da gruta, chega-se a uma espécie de mesa de pedra de 1,50m de altura que torna difícil o acesso à parte mais profunda da gruta; esta mesa foi picotada e as gravações ocupam uns 8m². Passando em cima da mesa, ou contornando-a por estreita passagem, chega-se à parte posterior, poço profundo de 3 metros, que não parece ter recebido nenhuma decoração nem se ter prestado a qualquer utilização.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

O sedimento cinzento que ocupa a parte anterior e central parece ser intato (talvez 20% mexidos). Mas a erosão das águas é sensível. Nenhuma sondagem foi realizada, mas apareceu na superfície das zonas erodidas bastante material arqueológico: lítico (calcedônia e jaspe): 1 núcleo, 1 peça com escotadura e algumas lascas; cerâmico: 21 cacos de uma cerâmica bem queimada, com muito e grosso antiplástico, de espessura variável e de cor bege a tijolo. 27 outros caços, não erodidos de cor externa tijolo e interna cinza; aparece às vezes, uma decoração branca, com engobo vermelho; poder-se-ia tratar de uma cerâmica "cabloco".

ARTE RUPESTRE:

Só sobram poucos vestígios de pinturas, no teto, em cima da mesa gravada. Em compensação, as gravações são bem conservadas.

Dois discretos pequenos painéis estão gravados quase no exterior, numa passagem baixa à direita, mas a maior parte da superfície decorada é bem visível; o painel da entrada, numa parede vertical, é dominado por um antropomorfo e tem numerosos sinais como linhas paralelas de pontos, um "xadrez", "pés", círculos com rádios e figuras compostas a partir de círculos.

A mesa de pedra tem uma densidade maior de figuras, com armas (propulsor, dardos), linhas onduladas, círculos concêntricos, raros biomorfos de corpo redondo e curiosos sinais parecendo flores, um bastonete com apêndices em ambos os lados.

INTERESSE

Na Lapa Escrevida seria provavelmente interessante fazer uma sondagem, mas talvez não compense uma escavação, porque parece à primeira vista difícil que tenha nela estruturas permanentes (falta provável de água em períodos secos, e invasão em período úmido). Mas os vestígios eventualmente deixados pelos homens pré-históricos, devem estar separados estratigraficamente em razão da sedimenta-

LABIRINTO DE ZEUS (nº 9 no mapa)

A lapa fica dentro de uma linda mata seca ainda intacta. Há uma série de "muros" naturais de calcário, de uns 6 até 10m de altura, retos e paralelos, que devem seguir um sistema de falhas tectônicas norte — sul. Galerias transversais permitem atravessar estes muros; em alguns lugares, abrigos se formaram no pé das escarpas, e lá encontram-se vestígios da presença humana ("A", "B" e "C" sobretudo). Um córrego de água temporário se forma em frente do abrigo "B" (Rio do Escuro).

Este grandioso conjunto deve medir uns 10.000m² e impressiona o visitante tanto pela majestade natural como pelas marcas do homem pré-histórico.

TOPOGRAFIA

A primeira parede calcária tem um portão à esquerda do qual há um minúsculo abrigo com pinturas ("A"). Do portão sai uma galeria para o interior do conjunto. Deve-se atravessar mais um "muro" e chegar num terceiro para encontrar novo painel com pinturas esparsas. No quarto paredão abre-se o grande abrigo "B", com numerosas pinturas nas paredes, e cujo chão, coberto de espesso mantô sedimentar, é rico em material lítico, cerâmico e ósseo pré-histórico. No fundo do abrigo, entra-se de novo num estreito corredor para chegar numa zona mais caótica, com o chão acidentado por blocos enormes caídos; finalmente, um último abrigo com plataforma mostra as mais bonitas pinturas no teto sul, enquanto vários conjuntos de gravações estão picotados na parte norte. O sedimento cinza pulverulento bem poderia também conservar rico material arqueológico.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Encontramos no abrigo "B" vestígios de duas sondagens; mais tarde, sabemos que tinham sido feitos por membros do Instituto de Arqueologia Brasileira. Desejosos de não perturbar mais o sedimento para fazer um simples teste, não abrimos novo poço, mas somente alargamos de alguns cm uma das sondagens já feitas, para verificar a estratigrafia e coletar amostras.

O sedimento de superfície ("O", 4cm) pulverulento continha 4 lascas de material silicoso, dos quais duas lascas com gume lateral retocado e 26 cacos, um dos quais ponteados.

A camada I (de 4 até 18cm), mais compacta e de cor cinza, deu poucos vestígios de conchas, e entalhações de osso e sílex.

A camada II é formada de um sedimento marrom, no qual está cavada uma fogueira cheia de cinzas e carvões; foram encontradas 6 lascas de pedra, 1 caco de cerâmica não decorado, 3 estilhaços de osso (um parece ser fragmento de uma ponta), ossos de grandes roedores e gasterópodos, queimados.

Por falta de tempo, não pudemos ir muito fundo nem chegamos a uma zona estéril. Confirma-se portanto o interesse de se fazer uma escavação no sítio.

Coletamos também abundante material na superfície do abrigo e também na zona externa, erodida pelas águas: 150 cacos de cerâmica dos quais um inciso; 25 peças líticas de arenito silicificado, sílex, jaspe e calcedônia (entre eles, vários núcleos discoidais e 6 instrumentos: goivas, escotaduras e facas).

A ARTE RUPESTRE:

Fica espalhada sobre uns 100m de distância, mas concentram-se em 4 pontos principais.

As pinturas existem em todas estas 4 zonas, enquanto as gravações ficam relegadas à zona extrema, também a mais escura ("C"). Desde o portão de entrada ("A"), pinturas vermelhas, amareladas e brancas muito erodidas acolhem o visitante (ordem de superposição: vermelho embaixo, amarelo logo em cima, branco cobrindo as outras cores). São pequenas figuras difíceis de serem decifradas.

Mais além (entre "A" e "B"), há pinturas pretas ou vermelhas com biomorfos de corpo redondo. Em "B", as pinturas são mais amarelas ou vermelhas; sobretudo há sinais, propulsores, "sóis", retângulos com traços paralelos, talvez também um antropomorfo segurando um objeto com cabo; linhas quebradas paralelas, ou retas com quebradas transversais, corpos redondos sem cabeça nem rabo, biomorfos compridos em preto ou vermelho.

Na zona "C", um teto alto (mas acessível quando se trepa em cima de um grande rochedo) abriga dois grandes antropomorfos vermelhos, junto a um "sol" amarelo e vermelho; parecem olhar para um conjunto de pequenos sinais vermelho escuro pintados sobre uma parede branca de calcita. Mais para o norte, há alguns círculos concêntricos branco e vermelho em depressões naturais na pedra e outros sinais. Aqui, como na zona "A", o vermelho é freqüentemente coberto por figuras de cor amarela ou branca.

Os petroglifos acham-se concentrados na mesma zona; alguns em baixo do teto com os dois antropomorfos pintados, mas sobretudo numa parte mais escura, ao norte. Encontramos círculos concêntricos (com dois elementos somente), "estrelas", linhas retas atravessadas por curvas concêntricas ou com barbatanas alternas em ambos os lados; conjuntos de pequenos biomorfos de corpo redondo dirigindo-se para um maior que domina o painel; "pés" com 4 até 6 "dedos" estão também agrupados.

INTERESSE:

Este magnífico sítio será de acesso fácil desde que se melhore um pouco a estrada, sendo que os carros podem chegar até às primeiras pinturas. Portanto, fica muito ameaçado pelo vandalismo; inclusive, algumas inscrições recentes são visíveis na saída do primeiro corredor. O proprietário já está de acordo para fechar a zona toda, o que representa uma extensão muito grande. Precisa-se proteger este local tanto para permitir escavações sistemáticas eventuais (impedindo a perturbação do sedimento nas zonas "B" e "C"), como para conservar pinturas e gravações. Compensaria abrir o local para o turismo, uma vez que as providências necessárias à conservação forem tomadas, e criar lá uma espécie de reserva natural, aproveitando a paisagem excepcional.

LAPA DO GIGANTE (nº 10 no mapa)

A Lapa do Gigante situa-se a 40 metros acima do vale secundário mais próximo; atualmente seco. A água permanente só se encontra no rio Cocha (a mais de 2 km). O morro está coberto de mata seca.

TOPOGRAFIA

O abrigo é de fracas dimensões: 19 x 7 x 5m. O teto, alto, forma duas cúpulas bem regulares; o lugar, claro, seco e protegido, deve ter sido ótimo para instalação de um pequeno grupo humano num período, onde o vale próximo tinha água.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO E PALEONTOLÓGICO

O sedimento arqueológico foi infelizmente completamente revolvido; porém, o estudo do refugio e dos marcos de linhas de deposição pode-se verificar que o chão do abrigo foi completamente coberto por um sedimento superficial pulverulento cinzento, que continha pelo menos fogueiras e material lítico (encontramos no sedimento mexido um instrumento de calcedônia e 4 fragmentos de jaspe e sílex). Este sedimento fértil, arqueologicamente, parece ter coberto em parte a linha baixa das gravações do fundo, que deviam pois ser parcialmente anteriores ao fim da formação da camada. Infelizmente, a perturbação total tira qualquer esperança de se conseguir mais uma datação mínima para as obras com os métodos dos quais dispomos atualmente.

Em baixo encontra-se uma brecha argilosa vermelha calcitada com numerosos blocos calcários, que parece ter entupido um antigo sumidouro, testemunho de um nível cárstico fóssil. Parece arqueologicamente estéril. A uns 15m de profundidade, uma sondagem atual permitiu encontrar ossos de vários representantes da fauna extinta do Pleistoceno (pelo menos ossos de três representantes de preguiças gigantes, pelas amostras conservadas no Museu de História Natural da UFMG). Há portanto, uma possibilidade de se explorar o sítio para coleta de peças fósseis, mas não se deve provavelmente esperar corpos em conexão neste depósito secundário.

ARTE RUPESTRE

Toda a parte vertical da parede abrigada foi decorada: por gravações na zona baixa (as mais baixas estão bastante erodidas) por pinturas na zona alta, existindo uma faixa intermediária com superposição das duas técnicas.

As gravações são de pequenas dimensões, picotadas ou incisadas, às vezes picotadas e depois polidas. Estas paredes verticais não são polidas como eram os suportes das gravações subhorizontais em outros sítios. Parece ter existido pelo menos duas gerações de elaboração destas figuras: uma anterior e outra posterior às pinturas. Os temas principais são: séries de "pés" (às vezes pintados em cima de vermelho) e de biomorfos de corpo redondo; na parte norte, deve-se acrescentar dois tipos de ornitomorfos, curiosos círculos dos quais saem dois "braços" digitados, um "xadrez" e linhas de pontos. Em alguns pontos aparecem "bengalas", linhas retas atravessadas por semicírculos, 1 grande antropomorfo de cabeça radiada, e círculos concêntricos. Um destes círculos gravados circunda um buraco natural da parede.

As pinturas mostram quadrúpedes, três tipos de ornitomorfos, "xadrez",

sinais diversos dos quais um grande sinal complexo amarelo com linhas vermelhas; alguns antropomorfos grandes e grupos de pequenos pretos pintados em grupo; um antropomorfo vermelho tem sua cabeça colocada exatamente num pequeno buraco natural, e o sexo evocado por outro buraco. Também existem pintados círculos concêntricos. As cores são o vermelho, o preto, o branco e o amarelo, não sendo constante a ordem das superposições. O vermelho está às vezes associado às gravações (pés ou retângulos com linhas internas paralelas).

INTERESSE:

Se nós já devemos lamentar a destruição do sedimento arqueológico, air, da é tempo de proteger as obras rupestres, das quais umas na parte norte já estão enfumadas e quase invisíveis. Bastaria uma cerca de 10m para fechar completamente o sítio, que poderia ser aberto ao público no caso de se fazer um caminho de acesso melhor.

LAPA DO DRAGÃO (nº 12 no mapa)

TOPOGRAFIA:

A paisagem é magnífica: um pequeno morro está aqui entalhado em V, provavelmente depois do desabamento do teto de grande caverna. A linha sul é formada por uma zona baixa de grutas (III, IV e V) ornadas de concreções e que não tivemos tempo para explorar bem, enquanto a parte norte (I) forma um abrigo espaçoso e muito agradável, cujo chão é coberto de sedimento cinzento ou marrom, separado do centro da depressão por uma linha de pedras caídas. Há nele material arqueológico e obras rupestres.

Na parte oeste, entre o grande abrigo e as grutas, há um pequeno abrigo com concrecionamento importante, que foi decorado com as mais lindas pinturas do conjunto.

No centro da zona entalhada no morro, há uma grande extensão descoberta de mais ou menos 60 x 45m cuja parte oeste é ocupada por enorme corno de desmoronamento com blocos de grandes dimensões. A parte leste, ao contrário, forma uma depressão coberta por um sedimento mais fino, a não ser em alguns pontos onde estruturas de pedras anormais não parecem ter justificação natural no quadro geomorfológico local ("X", "Y", "Z").

O ponto de água permanente mais próximo seria atualmente o rio Cochá, a uns 3,5km de lá, mas a vegetação no sítio, muito verde apesar da nossa visita se ter efetuado no pior momento da estação seca, torna provável a existência de água no local mesmo, com fraca profundidade, e provavelmente de um minadouro no sítio, pelo menos durante parte do ano; pode ser que no passado tenha existido um permanente.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

O habitat, se teve na zona, deve ter existido no abrigo "II", de acesso fácil, bem protegido (inclusive do sol) e próximo da saída do anfiteatro; se teve água na parte baixa, estava também à proximidade. A presença de sedimento deixa esperar possibilidade de escavações estratigráficas enquanto uma rápida coleta de superfície fornecia conchas queimadas ou trabalhadas (uma com perfuração controlada), 11 peças de sílex (lascas com retoque lateral, peças típicas com escotaduras, fragmento de núcleo, lascas utilizadas), e um bloco de calcário com superfícies picotadas e polidas. Além disto foi encontrado cerâmica, inclusive um caco decorado ponteadado e um caco regularizado e perfurado (peso de fuso?) mais outros 23 cacos, de cor escura, marrom ou preta.

Na depressão da qual já falamos, a partir de uns 15m da entrada leste do abrigo "I", há uma série de círculos de pedras ajuntadas, cujo diâmetro gira ao redor de 1,5 e 2m; dois círculos coalescentes avistam-se mais para o sul. Ainda mais para o sul, e já na subida que permite sair do sítio, existe um montículo de blocos muito grandes, sem sedimento intersticial. Parece verossímil que se trate de estruturas antrópicas, e escavações cuidadosas só poderiam trazer certeza e informações sobre este novo tipo de achado na arqueologia brasileira.

ARTE RUPESTRE:

As pinturas da zona "II" são as mais espetaculares, mas existem outras no

abrigo "I", onde existem também raras gravações.

As pinturas de "II" são de visão muito agradável, pela nitidez das cores, a novidade das figurações, além da proximidade de um quadro natural de rara beleza.

Existem 4 pequenos conjuntos, dentro de cada qual domina uma cor. Existem figuras em vermelho, em amarelo e em preto; as raras associações de cores na mesma figura são normalmente entre o vermelho e o amarelo, mas traços pretos foram às vezes acrescentados *muito depois*, para "completar". As figuras pretas independentes também acham-se sempre em cima de outras de cor diferente, e a falta de pátina deixa supor uma diferença cronológica substancial entre as figuras pretas e as outras. A temática parece ser a mesma, qualquer que seja a cor, mas o estilo de representação parece distinto. Também os zoomorfos são sobretudo realizados em preto.

Há possibilidade de se verificar aqui, diacronias de grande importância na Lapa do Dragão, para o estudo da arte da região toda.

O teto apresenta figuras dominantes pretas (antropomorfo e cervídeo), e mais um grande sinal vermelho. No paredão, o painel mais próximo tem figuras quase que exclusivamente vermelhas, com uma única preta, superposta. O segundo pequeno painel tem figuras vermelhas também em maioria, com outras pretas por cima; o terceiro vê vermelho, amarelo e preto em quantidade mais ou menos equivalente, o preto ficando sobreposto às outras cores.

Alguns pequenos sinais ficam isolados em partes altas, em cima de estalagmites que permitiram um acesso bastante fácil aos pintores.

Os temas mais curiosos são os grupos de pequenos antropomorfos pretos ou vermelhos, de braços e às vezes pernas ligados. Nos sinais geométricos complicados observa-se aqui também o sistema de alternância de traços vermelhos e amarelos, enquanto os simples ficam monocromáticos. Existe um curioso quadrúpede com corpo e cabeça de pássaro, com olho reservado, que parece perseguir um pequeno antropomorfo; talvez seja a figura mais cheia de vida que tenha lá.

INTERESSE DO SÍTIO:

Este lugar bastante original interessa tanto pelas belezas naturais (grande anfiteatro, grutas e paredes com concrecionamento desenvolvido, conjuntos caóticos, numa vegetação de mata ainda preservada) como pelos vestígios arqueológicos que recela; tudo dá a ele aparência grandiosa e misteriosa.

Escavações terão que ser realizadas no abrigo "I" e nas estruturas de pedra provavelmente artificiais das quais nós falamos.

Por isto, é *absolutamente preciso proteger*, e com a máxima urgência, este sítio cujo acesso não é muito difícil.

A Lapa do Dragão promete fornecer dados arqueológicos abundantes e novos, oferecendo lindas pinturas e quadro natural espetacular para os futuros turistas, sobretudo se as autoridades se empenharem em proteger também a mata que o circunda, criando lá uma reserva.

No caso de se decidir fechar o local, seria preciso colocar a cerca na parte exterior, onde pára o atual caminho, o que representa uns 60 metros a serem fechados.

Se visitas turísticas fossem organizadas, seria bom impedir o acesso ao abrigo "I" que não oferece belezas particulares, e cujo sedimento em breve seria revolvido pelo caminhar das pessoas, condenando a possibilidade de escavação estratigráfica.

LAPA MULTICORES (nº 13 no mapa)

O sítio acha-se a uns 1,5 km a leste da estrada que passa em frente de Po-seidôn e da Esquadriha; anda-se esta distância quase toda em terreno plano, a não ser os últimos metros, para subir às pinturas.

Os painéis decorados de pinturas estão numa grande parede abrupta, que uma grande falha vertical divide em duas partes, cada uma delas tendo inscrições. A uns 8m à esquerda existe um pequeno abrigo cuja entrada abre-se a 3m de altura e não foi visitada.

Por falta de luz na hora em que o sítio foi encontrado, não se pôde verificar se existia material arqueológico no local.

As pinturas do lado esquerdo formam três conjuntos: o mais à esquerda é dominado por um zoomorfo representado em perspectiva "plongeante" (lagarto?) seguido por 12 pontos alinhados e uma semilua. Outro apresenta 17 propulsores de tipo B dos quais quinze são vermelhos e cobertos por mais dois de cor amarela. O terceiro tem 5 propulsores brancos cobertos por outros dois vermelhos.

Do lado direito da anfractuosidade, tem mais 7 propulsores, de cor vermelha.

Algumas pinturas não são bem nítidas, e não é impossível que algumas tenham um valor ambíguo, apresentando características mistas zoomorfas e antropomorfas.

O sítio é relativamente protegido por uma cerca, que impede que o gado penetre nele. O número reduzido de figuras torna difícil a exploração turística.

LAPA DO CIPÓ NORTE ("Abrigo do Sol") nº 14 no mapa

A Serra do Cipó é uma mesa de calcário cujo afloramento na parte alta determina uma escarpa muito alta, dominando de uns 80 metros o vale do rio Cochá. A base do afloramento é cavada, pelo menos nas faces norte e leste, de uma linha de abrigos estreitos, que deve corresponder a antigo nível cárstico. Logo embaixo começa uma descida de material desmoronado muito íngreme, coberto ou por cacaceas ou pela mata seca, dependendo do lugar. O ponto de água conhecido mais perto fica a vários km, mas é provável que tenha nascentes na base de calcário em algum lugar mais próximo. Da linha de abrigos, avista-se a região até as elevações da Bahia, além das planícies aluviais do Cochá e do Carinhanhã.

TOPOGRAFIA:

A parte abrigada é muito pouco profunda apesar de muito comprida, e a maior parte do tempo (entre os cortes nº 1 e nº 2) localiza-se numa alta plataforma na qual chega-se trepando no calcário folheado, de xistosidade forte, onde a erosão formou pequenos degraus pouco resistentes. Sem ser perigoso, o acesso é incômodo. Mas pode-se ver muito bem a maior parte das pinturas desde a parte baixa, não abrigada, onde nasce o talude de desmoronamento. Mais para leste, há outra pequena concentração de pinturas, numa parede vertical, sem abrigo. Tem 97m entre as pinturas mais distantes, mas o abrigo elevado prossegue ainda para o oeste.

O piso calcário é coberto por blocos caídos; é provável que uma limpeza — seria de realização difícil — não permitiria encontrar muita coisa de material arqueológico.

ARTE RUPESTRE

Somente existem pinturas, às vezes de grande beleza. As cores dominantes são o vermelho e o amarelo, mas existem também o preto e o branco, freqüentemente associados em sinais bi e tricrômicos (vermelho e amarelo; vermelho, amarelo e branco; vermelho e branco).

Um primeiro conjunto ("A") comporta sobretudo "sóis": círculos vermelhos, ou superfícies cheias brancas com "raios" internos vermelhos; pectiformes pretos ou vermelhos com pontas terminadas por bolinhas. Há também uma figuração que lembra os peixes de alguns sítios da Bahia, e um tema semelhante do Gigante.

O grande conjunto "B" mostra numerosos "sóis" de tamanho grande, grandes sinais retangulares, círculos concêntricos... Tudo sempre baseado na alternância de linhas de cor vermelha e amarela; em vermelho aparecem "estrelas" com raios trifidos, ornitomorfos de asas abertas, raros quadrúpedes, a linha reta com semicírculos atravessando-a; enfim, uns antropomorfos brancos. Foi realizado lá o decalque em plástico de uma zona que apresentava juntas grande parte destas figurações.

Em vários lugares existem figuras curvilineares, séries de pontos.

As cores são ainda muito vivas, mas ameaçadas pela calcita que já apagou algumas representações; sobretudo são temíveis as caídas de plaquetas desprendidas do teto.

INTERESSE E PROTEÇÃO

Pelo visto, é tanto contra a erosão como contra o vandalismo que as pintu-

LAPA DO CIPÓ LESTE ("Abrigo Viracocha"), nº 15 no mapa

O caminho de acesso é, no início, o mesmo que para ir na Lapa do Cipó norte, só que se deve prosseguir durante 1,8km na estrada de terra que saia da estrada Montalvânia — Juvenília; entra-se então em outro caminho florestal à direita, até chegar no pé da "Serra". Deve-se subir logo na mata, por uma picada mais íngreme ainda que para se dirigir à face norte até chegar a uns 60m acima do vale, no pé do afloramento calcário.

Não tivemos o tempo de fazer a topografia deste grande conjunto parcialmente decorado (mais ou menos 350m) e o "croquis" anexo é muito aproximativo. Em qualquer parte, o chão é rochoso e não se deve esperar muito de eventuais escavações.

As pinturas se concentram dentro de 2 abrigos da extremidade sul ("A" e "B"), em cima de uma parede calcitada ("C", "D"), dentro de pequeno mas lindo abrigo separado do talude externo por blocos caídos e coluna de concrecionamento ("F"); enfim, na extremidade norte, no fim de um grande abrigo ("G") ao qual se chega por estreita corniza no calcário podre. Entre estas zonas, há algumas pinturas esparsas.

Em "A", "B" e "C", voltamos a encontrar temas e técnicas já vistos no Cipó norte: alternância amarelo/vermelho nos traços das figuras geométricas complexas retangulares ou circulares, pectiformes, linhas de pontos, círculos... uma figura em forma de bastonete, com 4 apêndices em cada extremidade lembra o mesmo tema gravado, e figuras da Bahia; talvez possa ser interpretado como fuso; há alguns "sóis" brancos com vermelho.

Em "F", há uma mudança completa: a cor dominante, quase que exclusiva, é a vermelha. E agora passa-se a ter cenas organizadas incluindo biomorfos, ao redor de sinais em forma de meia-lua; os protagonistas são pequenos antropomorfos desenhados com traço excessivamente fino de pincel, biomorfos de corpo redondo, linhas de pontos; além destas cenas, há conjuntos de pássaros com rabo alto, duas grandes cobras enfrentadas; um quadrúpede e propulsor exatamente semelhante às que aparecem freqüentemente nas gravações.

Na extremidade do abrigo "G", o teto tem uma decoração fora do comum, com sinais bicrômicos, desta vez sobretudo amarelo/preto: linhas quebradas paralelas, sinais complexos cheios, que chamamos de "blasão", representações geométricas alaranjadas e dois "pés" (de 3 e 4 "dedos") vermelhos. Um grande antropomorfo branco cobre pinturas vermelhas ou bicrômicas. Alguns sinais vermelhos e cor de laranja são parcialmente cobertos pela calcita, o que poderia talvez, se a regularidade deste fato fosse verificada, indicar anterioridade da dicromia vermelho/amarelo sobre a preto/amarelo. O pouco de tempo que passamos no sítio não permitiu completar as observações neste sentido.

O sítio, de acesso difícil, de extensão grande, é de difícil controle, apesar de não ser impossível fechar os diferentes lugares de concentração pictural. Mas isso dará muita mão-de-obra como e ainda mais do que no Cipó norte, precisaria urgentemente completar o levantamento fotográfico, muito incompleto, e fichar completamente as ocorrências, que será provavelmente difícil proteger do vandalismo.

Este sítio precisa ser estudado com muito cuidado, pois a presença de temas normalmente reservados às gravações e as diferenças entre as diferentes partes decoradas do mesmo sítio, podem ajudar muito a entender melhor a arte rupestre da região toda, dando talvez algumas informações de ordem cronológica.

SERRA PRETA OESTE (pingueira)

Saindo da planície anda-se por uma picada boa que entra na mata e vai subindo suavemente durante uns 500m até chegar no local arqueológico: a picada acaba em frente de uma pingueira, e as pinturas começam um pouco mais à esquerda. A elevação não deve atingir 30m acima do nível da planície vizinha. A partir deste ponto começa o paredão vertical cuja resistência à erosão permitiu a formação da elevação, chamada de "serra" na região.

TOPOGRAFIA

Indo para a esquerda, a partir da pingueira, há uns 40m de parede quase abrupta, com 2 minúsculos abrigos muito baixos (o teto de um deles tem alguns vestígios de pintura). Depois, deve-se subir sobre uma estreita plataforma abrigada, limitada do lado exterior por enormes blocos desprendidos do teto. É a partir deste ponto que as pinturas estão mais abundantes sobre uma distância de 30m; a plataforma torna-se, depois, ainda mais estreita, até se transformar numa simples corniça, cortada por uma pequena pingueira; lá, não tem mais pinturas.

MATERIAL:

O chão, formado por desmoronamentos de épocas diferentes quase não apresenta sedimento fino, a não ser na zona da primeira pingueira, a única que apresenta possibilidade de escavação, mas não é abrigada.

Alguns cacos de cerâmica e um pequeno bloco de pedra com incisões de origem humana foram justamente encontrados neste local.

ARTE RUPESTRE:

As pinturas, pouco numerosas e muito apagadas, em geral mostram alguns quadrúpedes pretos, às vezes com patas filiformes anormalmente compridas, um porco-do-mato também preto, perto de um pequeno "sol" amarelo; há também vestígios de um grande animal branco de cabeça redonda. Fora disto encontram-se sobretudo sinais, às vezes muito grandes e pretos, vermelhos, ou bicrômicos (preto/vermelho, amarelo/vermelho): linhas onduladas, figuras geométricas retangulares, triangulares, com traço interno... vestígios de um "sol" amarelo.

Algumas outras pinturas foram ainda descobertas isoladas, muito mais à direita, mas não foram documentadas.

INTERESSE:

Este sítio, de acesso fácil, não terá, infelizmente, muito interesse para o turismo, por ser bastante pobre, do ponto de vista pictural. Apesar disto, não falta interesse arqueológico, por várias originalidades no tratamento dos temas.

SERRA PRETA LESTE (nº 16 no mapa)

O caminho é bastante cansativo, apesar de não se subir provavelmente mais de 40m acima do nível da planície. O sítio está na base da escarpa provocada pelo afloramento calcário. O ponto de água atual mais próximo parece ser a pingueira da face oeste da Serra Preta.

TOPOGRAFIA:

A zona decorada ocupa mais de 80m de um paredão quase vertical e portanto pouco abrigado, muito descamado ou calcitado. Na parte sul ("A"), a descida inicia-se logo embaixo do paredão; mais para o norte, existe uma zona plana mais alta, abrigada, na qual se formou acumulação de material sedimentar (pulverulento cinza ou argiloso alaranjado dependendo dos locais) atrás de uma barreira de pedras caídas ou de afloramento rochoso que cria uma barreira entre as zonas externa e interna do abrigo. Na extremidade norte, enormes fendas, provavelmente de origem tectônica, abrem verticalmente a parede, e lá acaba a zona decorada.

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

Não fizemos sondagem, mas é provável que parte do sedimento acumulado sobre a plataforma (pelo menos o de cor cinzenta) contenha material arqueológico. A coleta na superfície de cacos de cerâmica e de conchas queimadas de *Strophocheilidae* confirmam esta impressão.

ARTE RUPESTRE:

As pinturas menos abrigadas conservaram cores muito vivas, enquanto outras, mais abrigadas, foram cobertas pela calcita. No limite das zonas "A" e "B", várias foram destruídas em parte por descamações, que permitem esperar a reconstituição de um nível "recente" (pintado sobre a superfície fresca) e de um nível "antigo" (inclusive patinado de cor amarelada) de pinturas. Por outra parte, algumas representações estão situadas muito baixo e talvez algumas estejam enterradas; neste caso, podia-se esperar muito de uma sondagem feita no pé do paredão, que poderia fornecer dados estratigráficos e cronológicos. As cores utilizadas são o preto, o branco, duas variedades de amarelo e de vermelho, muitas vezes associadas em figuras bi ou tricrômicas (preto/vermelho/amarelo; branco/amarelo/vermelho, branco/amarelo ou vermelho/amarelo) ou superpostas de diversas maneiras.

Os sinais são: círculos concêntricos brancos, seqüências de losangos, traços paralelos, retângulos com traços paralelos internos, pectiformes, bastonetes com extremidade arredondada, retas atravessadas por linhas quebradas ou com barbatanas alternas; superfícies irregulares cheias de pontos, curvilíneas (amarelo ou vermelho).

Também aparecem numerosos antropomorfos, seja de corpo largo, sejam conjuntos alinhados de filiformes, pintados com traço muito fino; às vezes, estes estão alinhados e como presos entre duas barras paralelas. Encontram-se também alguns biomorfos de corpo redondo, sem cabeça.

Os zoomorfos não faltam, com grupos de ornitomorfos e animais representados em perspectiva "plongéante".

INTERESSE:

Arqueologicamente, o sítio é de grande interesse. Merece ser sondado, e o estudo pode permitir conseguir alguma luz sobre a evolução cronológica das figuras.

Diffícil de ser cercado, este sítio poderia ser aproveitado para o turismo, se um caminho fosse feito, mas o acesso ficará, mesmo assim algo cansativo para o turista médio.

LAPA DA MAMONEIRA (ou "de Mercúrio"), nº 11 no mapa

A escarpa, orientada para o norte tem sua parte inferior ocupada por uma série de abrigos com concrecionamento; em frente deles há uma linha de pedras desmoronadas, e depois um talude que vai descendo para o Carinhanhã, distante talvez de 1 km.

TOPOGRAFIA:

Indo do leste para oeste, encontra-se primeiro uma pequena gruta com estalagmitas, que não parece ter sido aproveitada pelos homens pré-históricos ("O"); logo depois um pequeno abrigo de chão rochoso e onde o afloramento calcário formou uma pequena plataforma elevada a partir da qual os homens pré-históricos pintaram algumas coisas na parede, em pequenos nichos e no teto, onde a dissolução deixou curiosos pingentes em forma de mamilhas e cuja disposição foi engenhosamente aproveitada ("I").

Descendo desta plataforma, entra-se no grande abrigo (II e III), subdividido em 2 zonas separadas por altos blocos caídos. A zona "II", decorada das pinturas mais atraentes é um lugar muito agradável pela manhã, mas é em grande parte ocupado pelo sol depois das quinze horas. Seu chão é formado por um sedimento marrom, rico em dejeções de morcego. A zona nº III, menor, é mais protegida e seria ótima para instalação de acampamento. A presença de sedimento deixa esperar frutuosas escavações. Saindo do abrigo do lado oeste, entra-se numa zona de blocos caóticos com vegetação de cactáceas, e 20m mais longe encontra-se um minúsculo abrigo, com as últimas pinturas ("IV").

MATERIAL ARQUEOLÓGICO:

A coleta de material erodido na superfície em "II" forneceu 67 cacos de cerâmica "beige" sem decoração, mais outros dois retocados e perfurados (pesos de fuso?) 0,45 objetos líticos quase todos de sílex (1 só de quartzo, e outro de arenito, apesar da proximidade da fonte desta última matéria-prima); em estudo estão 8 peças: núcleo, peças com escotadura, e possíveis burís *stricto sensu*, dos quais terá que se verificar se são o resultado de acidentes ou de uma técnica consciente. Uma concha de bivalva e dois ossos calcinados mostram que cozinhou-se no local.

Uma pequena sondagem foi feita perto da parede, a proximidade de um painel pintado que chega até o chão; assim esperava-se não somente verificar a espessura e a fertilidade do sedimento, mas a possibilidade de se obter indícios cronológicos para as obras pintadas, no caso de alguma ser coberta por sedimento intacto e datável.

A camada superior (até 15cm de profundidade), formada sobretudo por dejeções, só mostrou conter 4 cacos de cerâmica e outros tantos de quartzo e sílex. A camada "II" (de 5cm de espessura) parece corresponder a um habitat; forneceu 3 cacos de cerâmica, 13 objetos de sílex (núcleo discoidal, peça com escotaduras, lascas com marcas de utilização) e *Strophocheilidae* calcinados. A camada "III" (de 20 até 56cm de profundidade, base não atingida) deu 9 lascas de sílex (algumas utilizadas, e 1 fragmento de núcleo) e uma concha calcinada.

Portanto, pode se esperar muito de uma escavação neste sítio, que forneceu material em diversas profundidades em zona que não era a mais favorável à ocu-

pação humana. Pode-se até esperar encontrar uma camada sem cerâmica (pré-cerâmica), que nenhum outro sítio sondado ainda deixou entrever. Mas tem-se que notar que uma parte do sedimento foi erodido pelas águas que devem correr de vez em quando na zona "II".

ARTE RUPESTRE:

O abrigo da Mamoneira tem suas paredes pintadas quase que completamente, e o teto dos pequenos nichos localizados no limite entre "I" e "II". As cores utilizadas são vários tipos de vermelho, duas variedades de amarelo, o preto e o branco. Os sinais complexos são tricrômicos (vermelho/amarelo/preto), enquanto os simples são bicrômicos (vermelho/amarelo ou preto/amarelo). As outras figuras são monocrômicas, podendo ter qualquer cor. Em certos painéis, a cor vermelha, ou a cor preta dominam. Quando há superposições, parece ter: (embaixo) o vermelho 1 — o preto — outro tipo de vermelho — o branco (por cima).

A temática é muito rica: os sinais simples são retângulos com linhas paralelas; linhas paralelas de pontos, pectiformes com pontos nas extremidades, traços com bolinhas na extremidade superior, (semi) círculos às vezes concêntricos, ziguezagues, "estrelas" ou ovalados com traços radiais e bifídios. Os sinais complexos são do tipo que chamamos de "blasão", e parecem segurados por pequenos seres antropo ou zoomorfos; são cuidadosamente bem feitos.

Entre os zoomorfos, há alguns quadrúpedes de perfil e outros poucos, de grande tamanho, representados em perspectiva "plongéante"; 4 pássaros de asas abertas (um pode ser uma coruja); os zoomorfos, a não ser os pássaros, são pretos ou brancos, e agrupados.

Os antropomorfos, numerosos, podem ser encontrados seja isolados seja em grupos, ligados como na Lapa do Dragão ou na da Serra Preta (leste). Enfim, aparecem em posição de "atlantes", embaixo dos "blasões" já descritos.

INTERESSE DO SÍTIO:

Este local será de acesso muito fácil desde que o atual caminho seja melhorado, como aliás é projetado. Por isso, precisa se antecipar às atividades vandálicas. São perto de 60m de entrada que deveriam ser fechados neste caso. Uma vez controlado, o local facilmente poderia ser transformado em ponto de turismo, tanto em razão da beleza das pinturas, como por dar possibilidade de passear numa natureza ainda intacta.



FOTO nº 1
Entrada da
Lapa da Hidra.

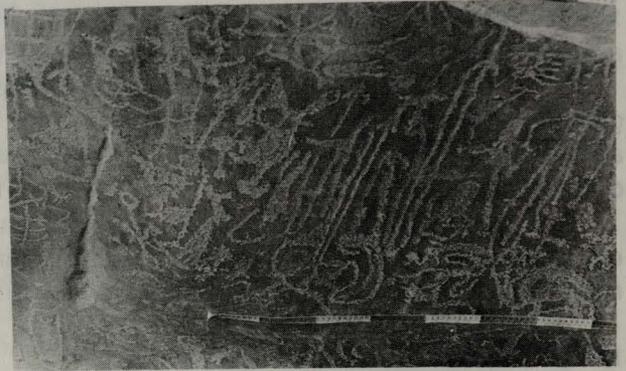


FOTO nº 2
Gravações da
Lapa de Poseidon.



FOTO nº 3
Gravações da
Lapa de Poseidon.

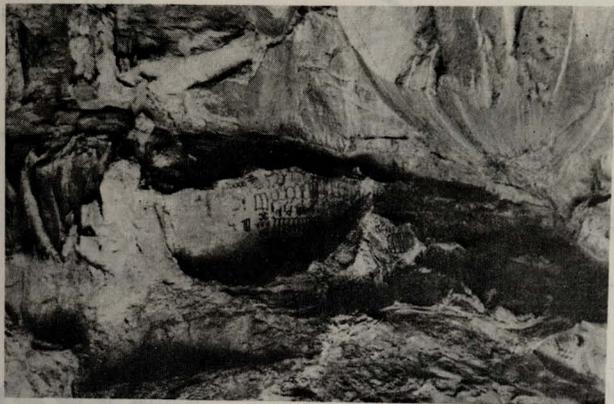


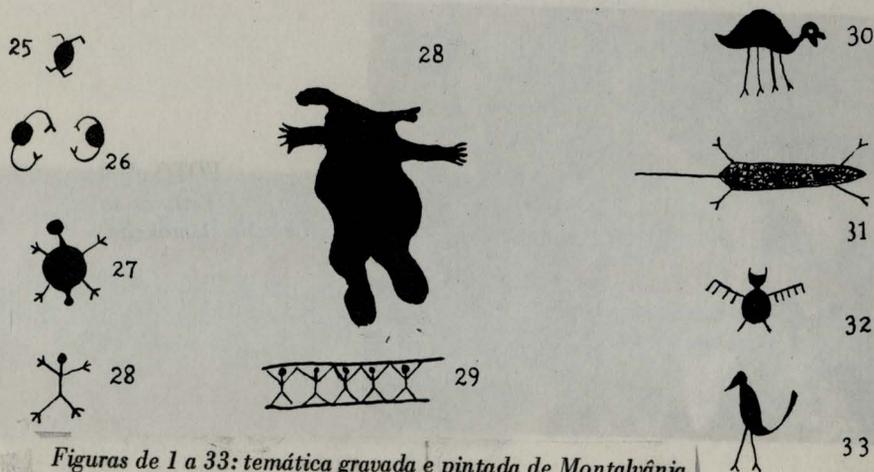
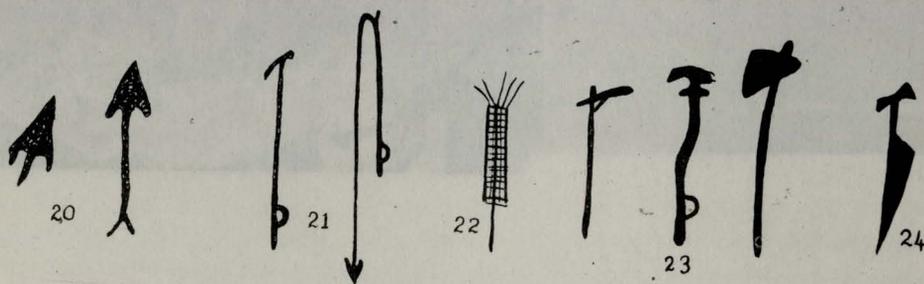
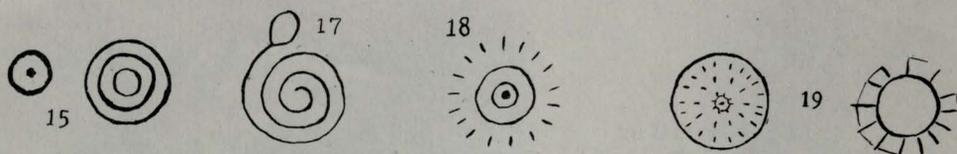
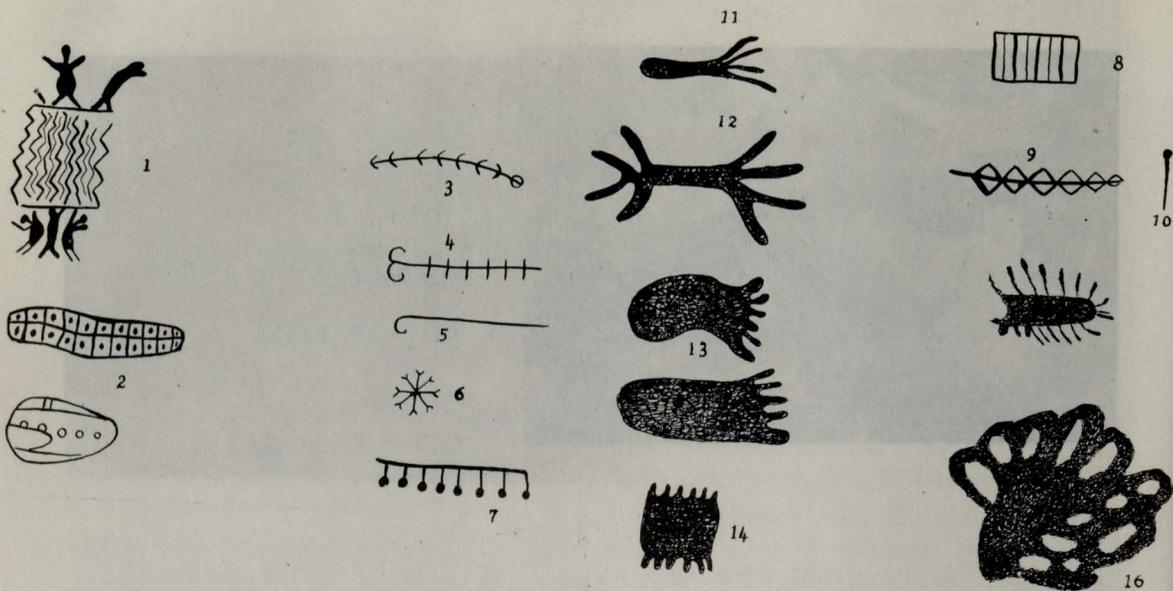
FOTO nº 4
*Pinturas
do Dragão.*



FOTO nº 5
*Pinturas
do Dragão.*



FOTO nº 6
*Pinturas da
Lapa da Mamoneira.*



Figuras de 1 a 33: temática gravada e pintada de Montalvão.

MONTALVÂNIA

ARTE RUPESTRE

- △ SÍTIO VISTADO
- PINTURAS SOMENTE
- ▼ GRAVAÇÕES E PINTURAS NUMEROSAS
- ▲ NUMEROSAS GRAVAÇÕES - PINTURAS AUSENTES OU RARISSIMAS
- ... RIOS INTERMITENTES
- ~ CURVA DE 600m
- ECHILHO.0000 Km

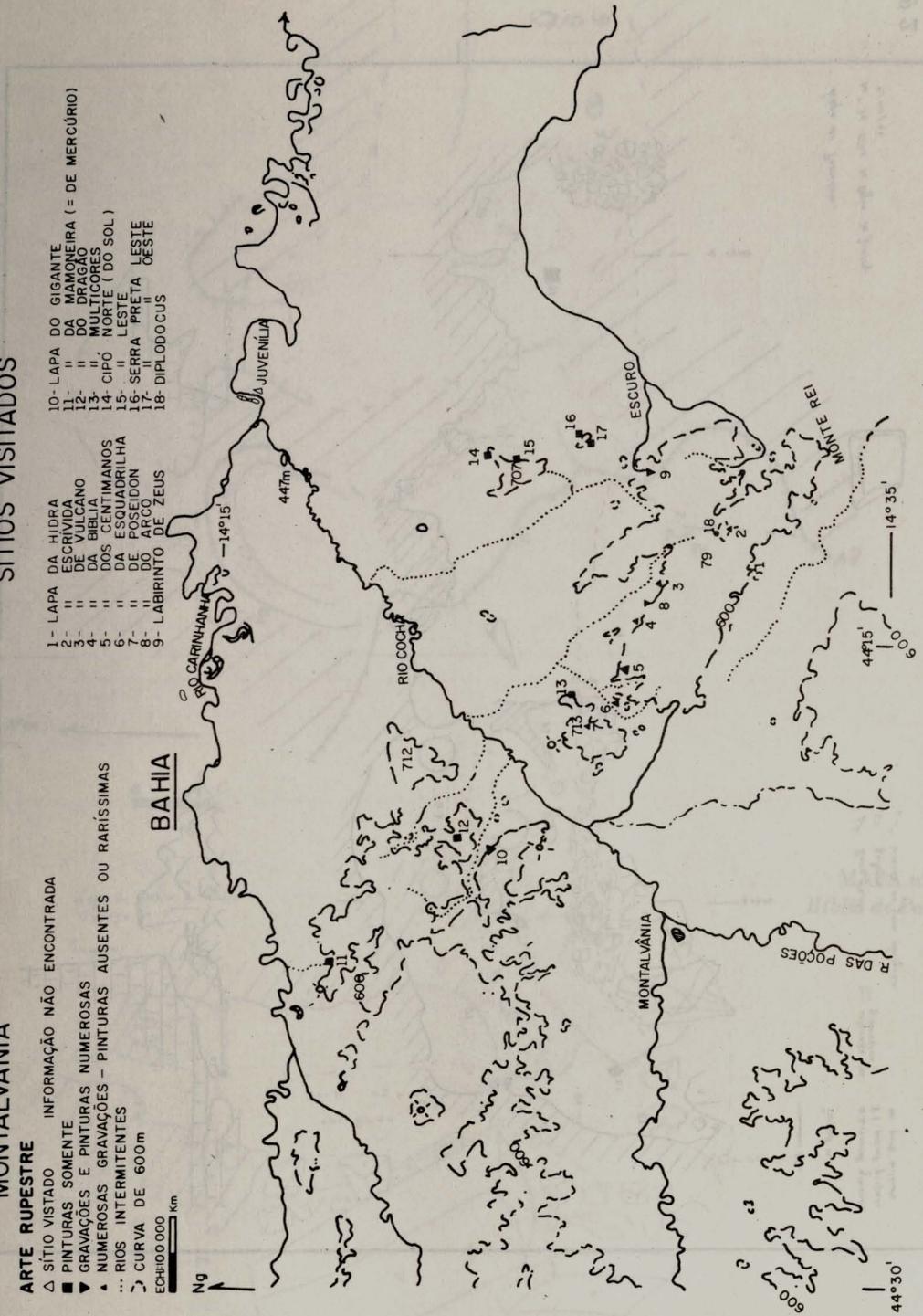
BAHIA

- 1- LAPA DA HIDRA
- 2- " DE VULCANO
- 3- " DA BIBLIA
- 4- " DOS CENTIMANOS
- 5- " DA ESQUADRILHA
- 6- " DE POSEIDON
- 7- " DE PELOZO
- 8- LABIRINTO DE ZEUS

- 10- LAPA DO GIGANTE
- 11- " DA MAMONEIRA (= DE MERCÚRIO)
- 12- " DO DRAGÃO
- 13- " MULTICORES
- 14- CIPO NORTE (DO SOL)
- 15- " LESTE
- 16- SERRA PRETA LESTE
- 17- " OESTE
- 18- DIPLODOCUS

- INFORMAÇÃO NÃO ENCONTRADA

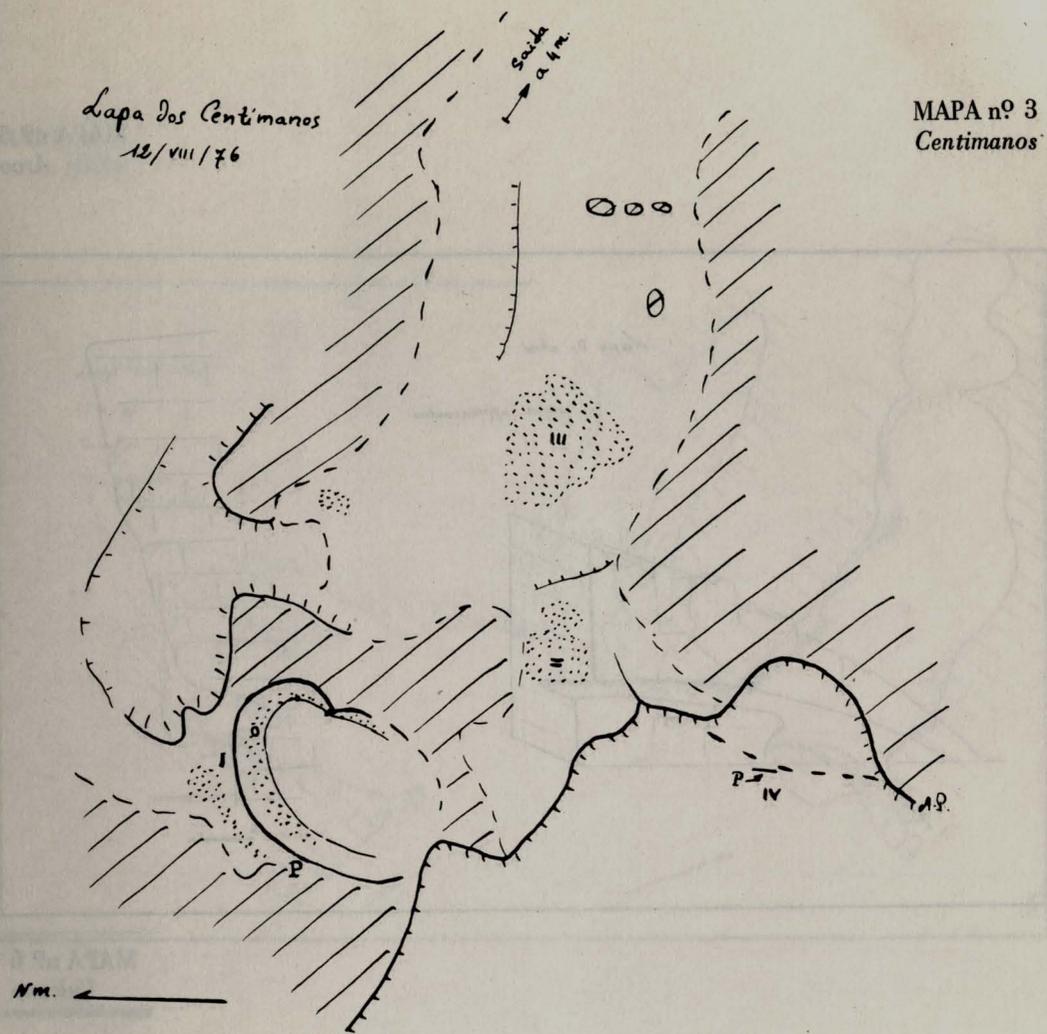
SÍTIOS VISITADOS



MAPA
C. da Bahia
robusta

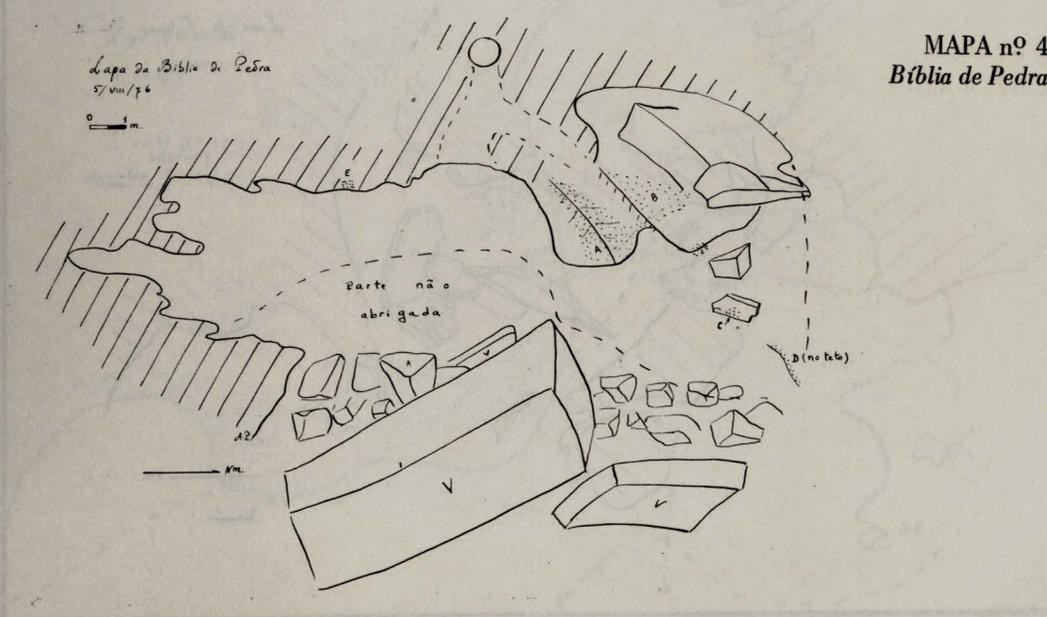
Lapa dos Centimanos
12/VIII/76

MAPA nº 3
Centimanos

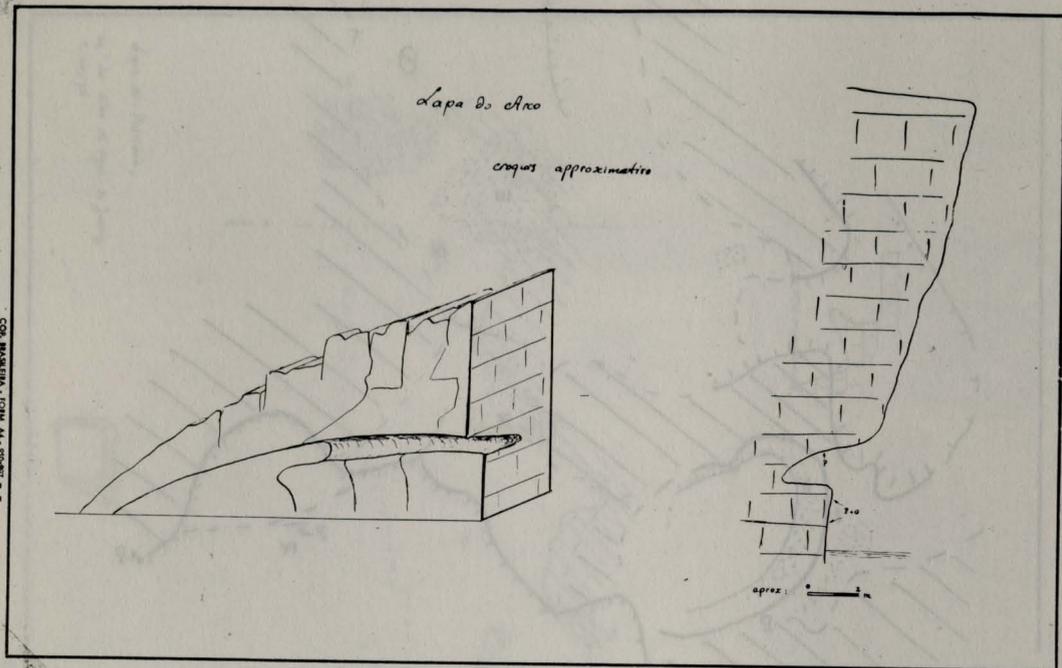


Lapa da Bíblia de Pedra
5/VIII/76

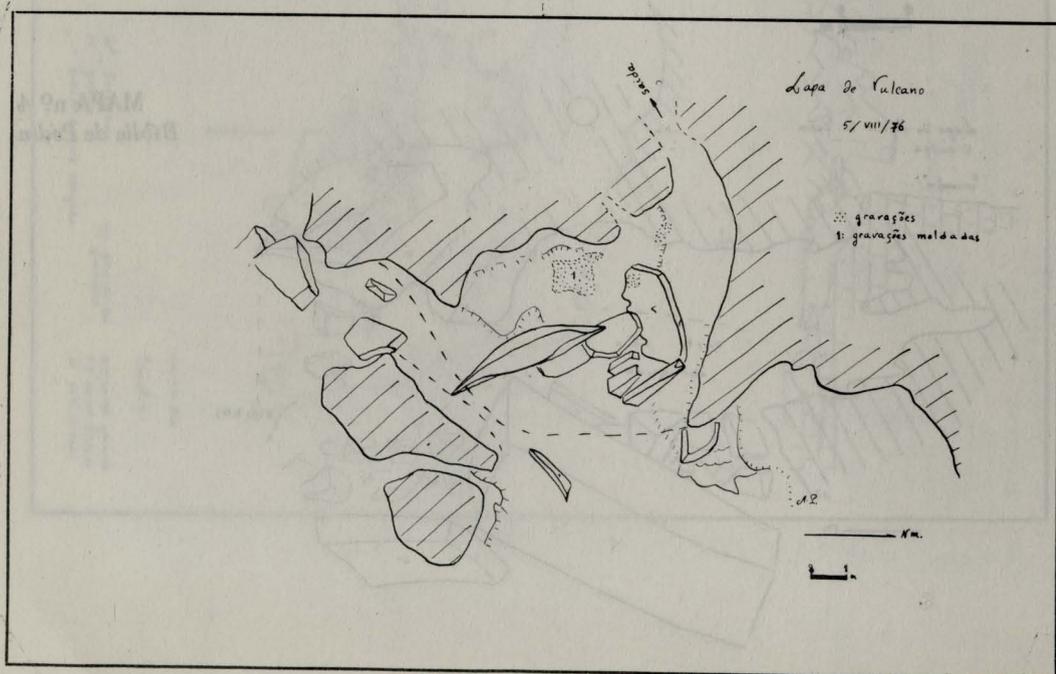
MAPA nº 4
Bíblia de Pedra



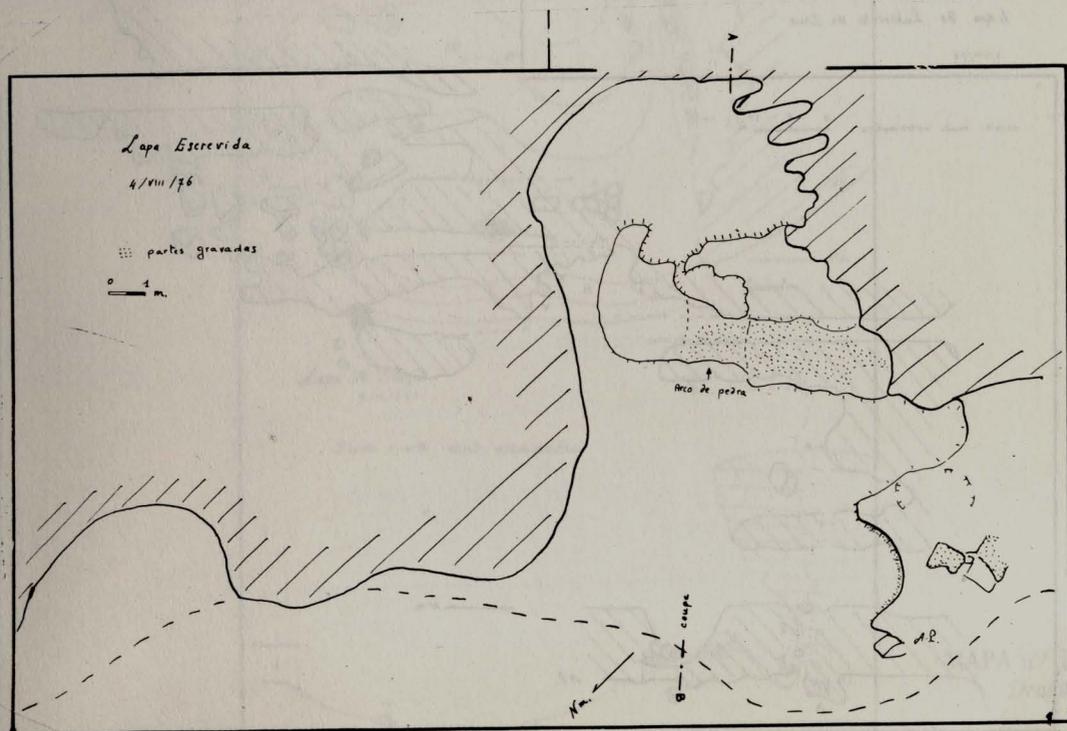
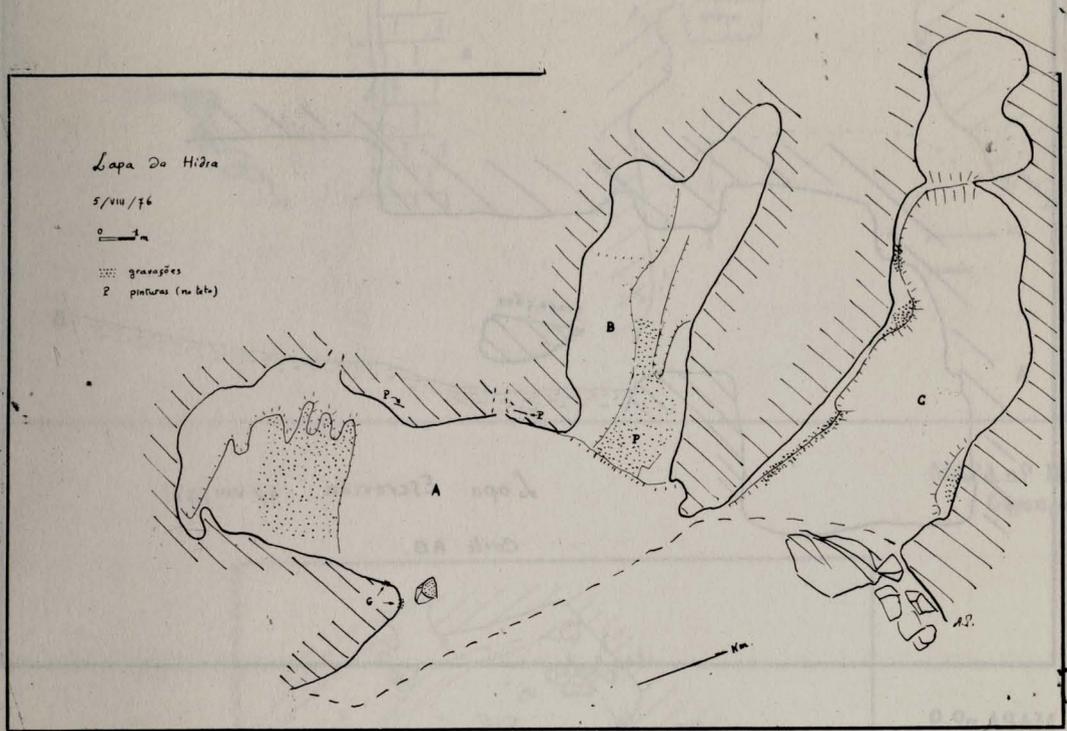
MAPA nº 5
Arco



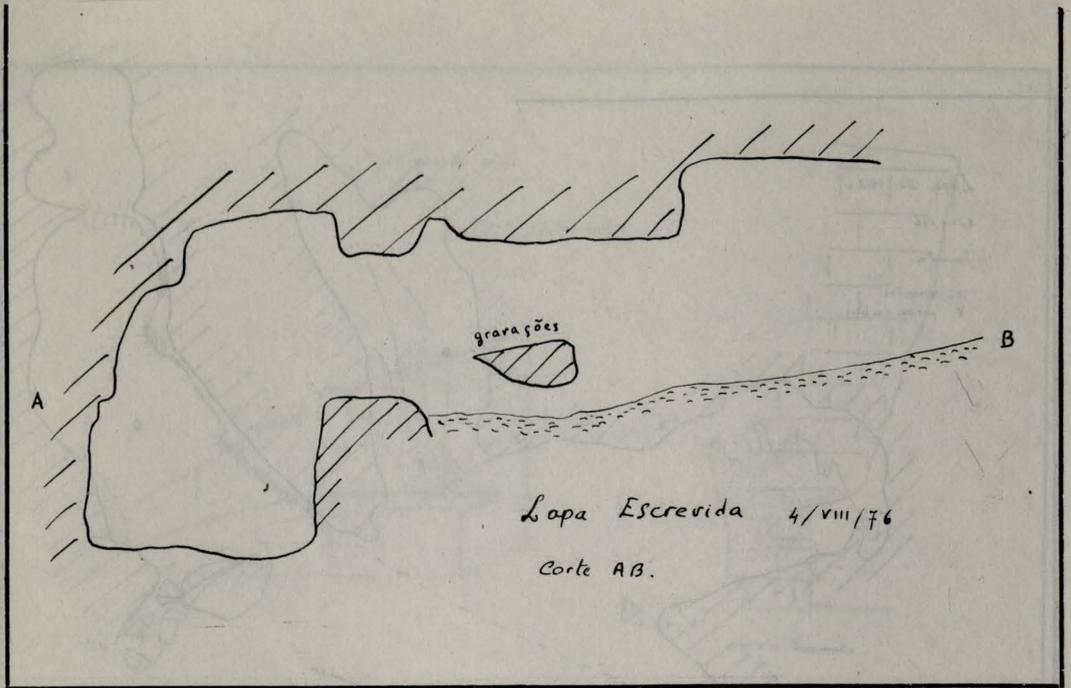
MAPA nº 6
Vulcano



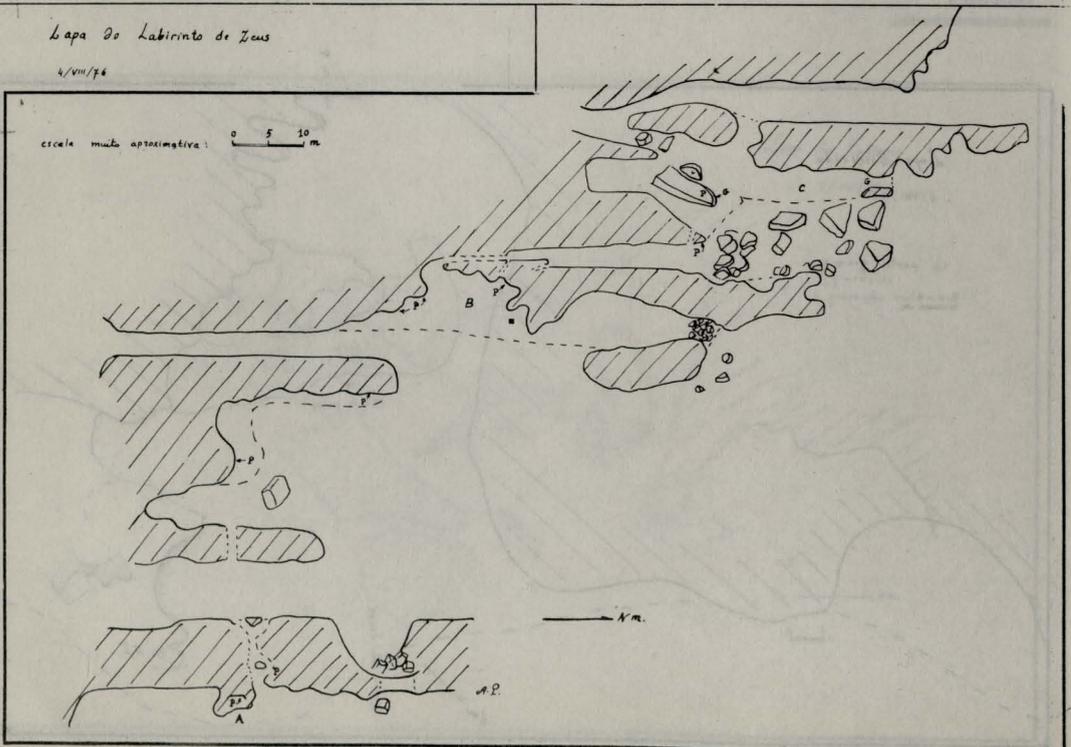
MAPA nº 7
Hidra

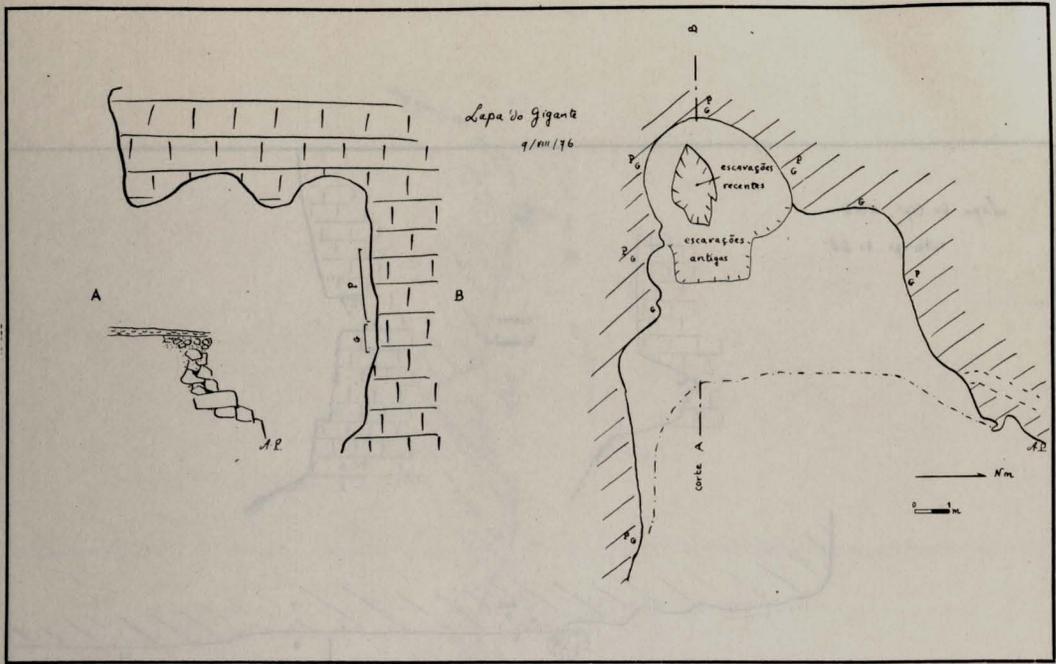


MAPA nº 8
Escrevida

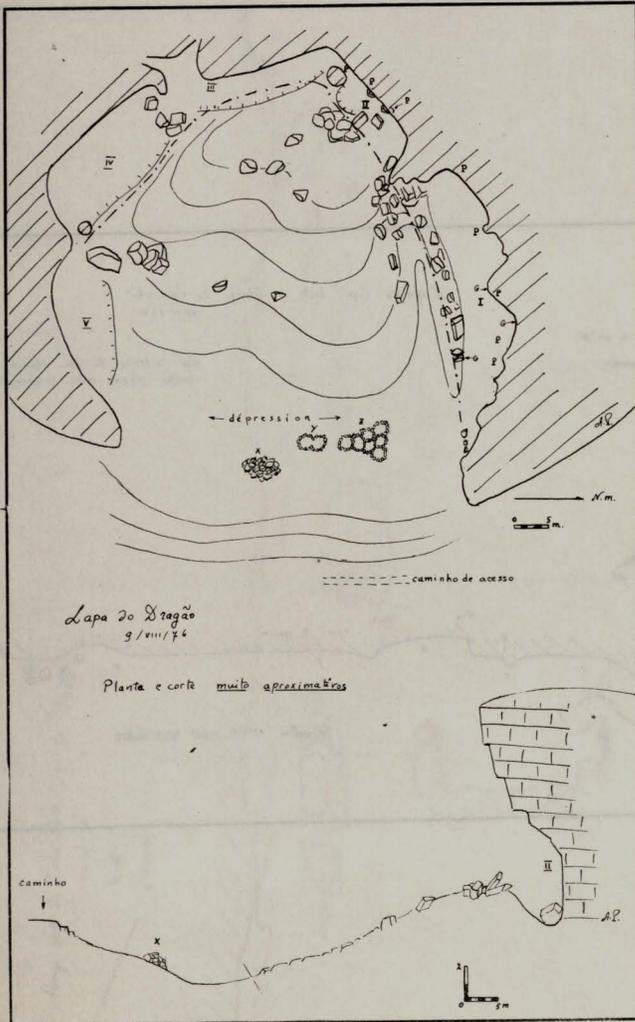


MAPA nº 9
Labirinto

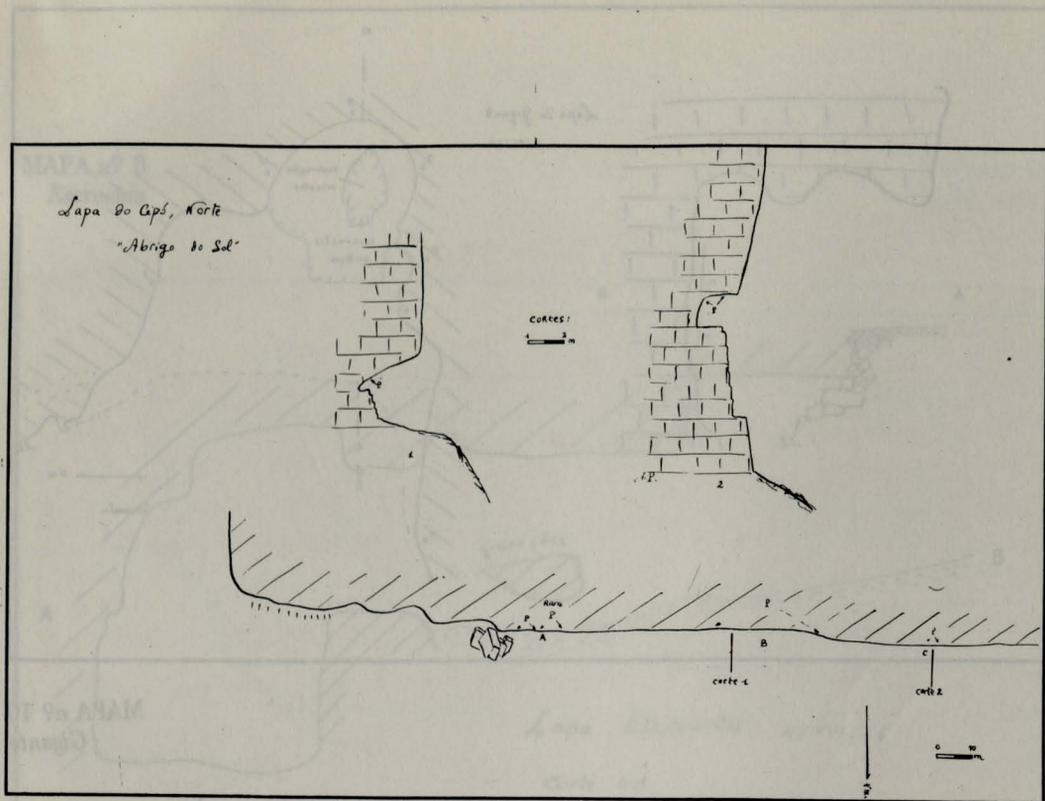




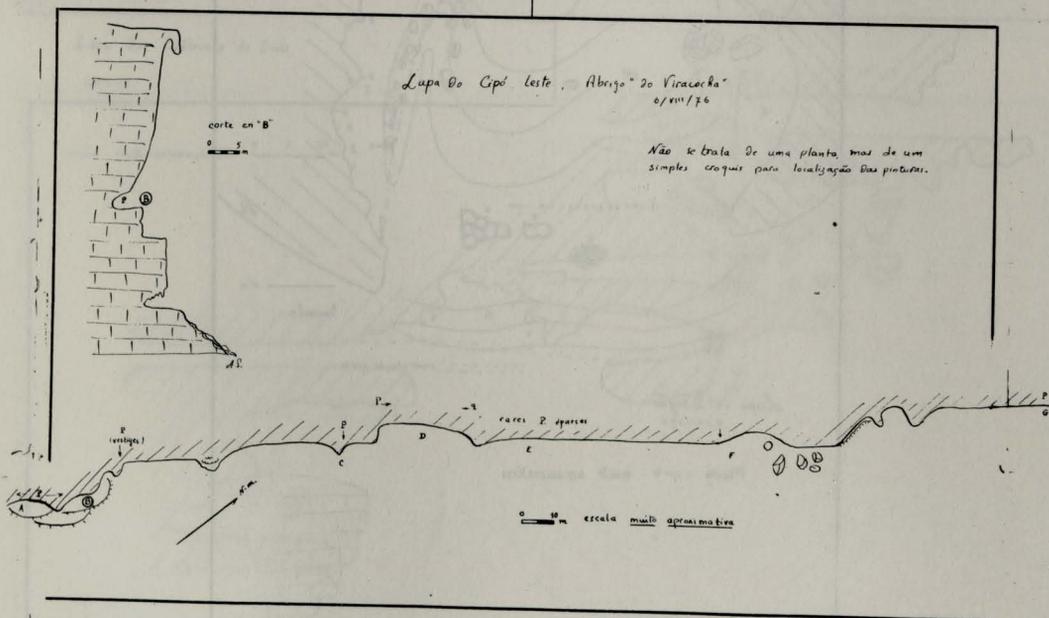
MAPA nº 10
Gigante



MAPA nº 11
Dragão



MAPA nº 12
Cipó Norte



MAPA nº 13
Cipó Leste

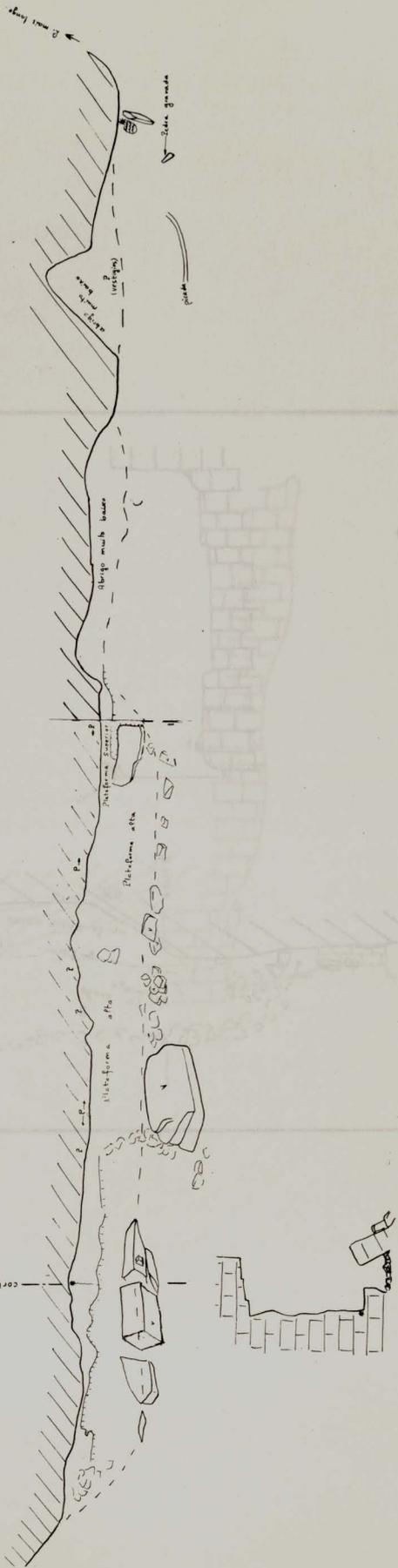
Abriço east of Serra Preta ou "da Progressão"

10/01/76



* progressão

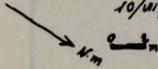
corde



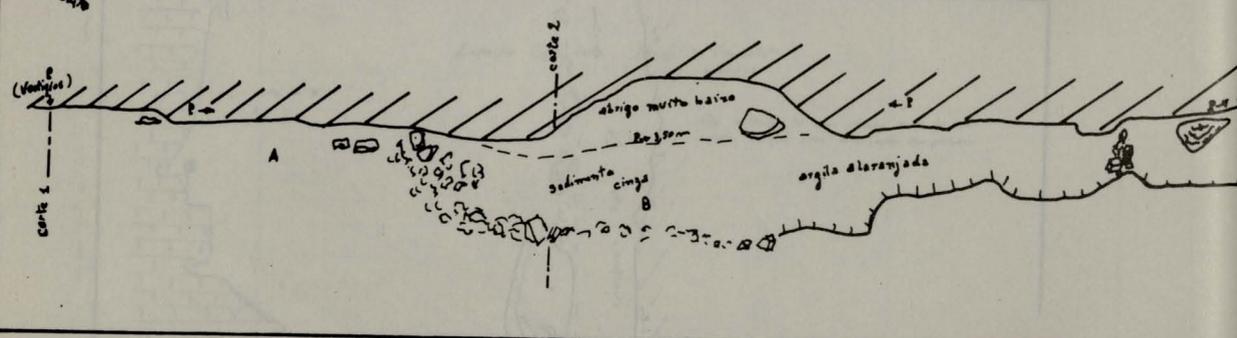
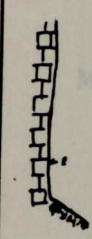
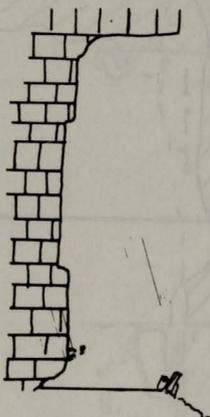
MAPA nº 14
Serra Preta Oeste

Abrijo laste da Serra Negra

10/III/76



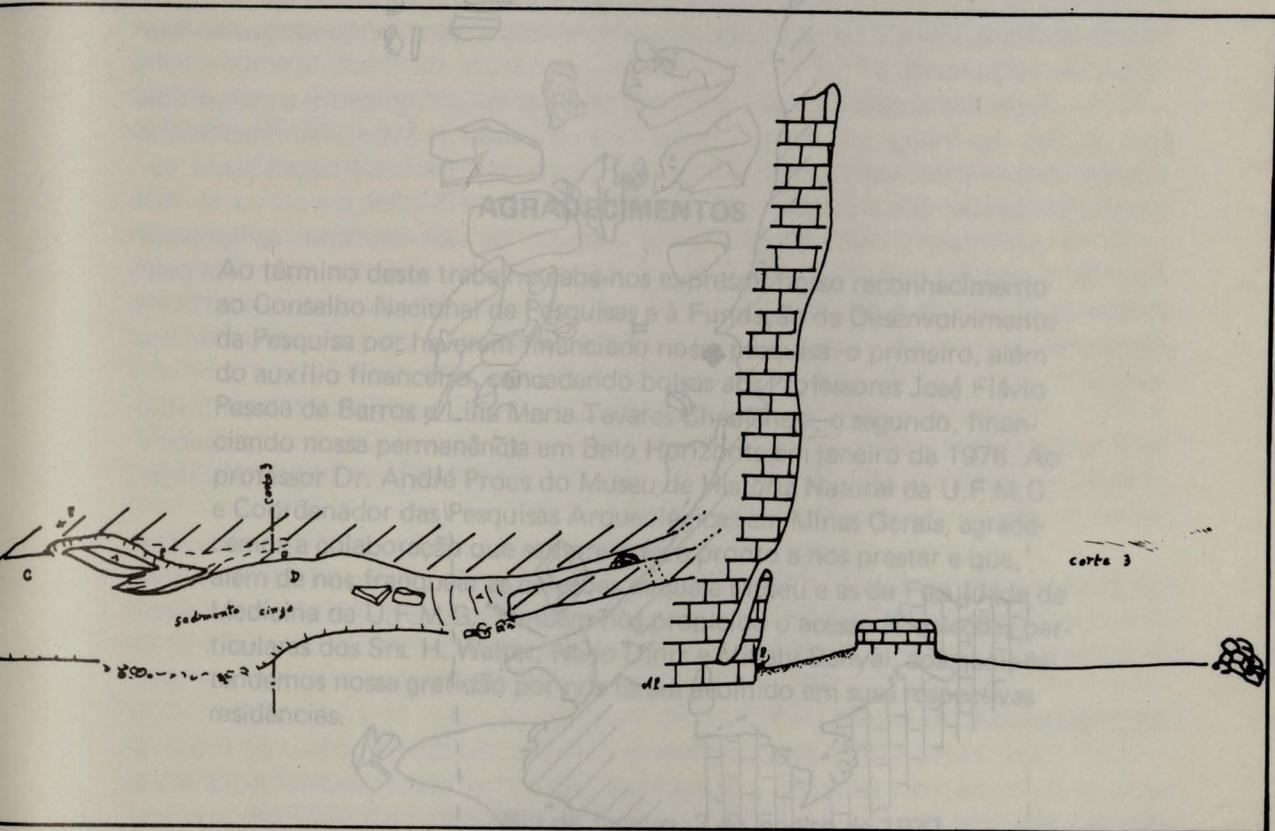
MAPA nº 12
Cabo Norte



OS ANTIGOS HABITANTES DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE LAGOA SANTA, MINAS GERAIS, BRASIL - ESTUDO MORFOLÓGICO

* Marília Cavatão de Mello e Alvim

** Equipe colaboradora:
 Mercedes Infante Vieira
 José Eládio Pessoa de Barros
 Lília Maria Tavares Chiquipe



Marília Cavatão de Mello e Alvim

Professora Titular do Museu Nacional (UFRJ)
 Pesquisadora do Museu Nacional (UFRJ)

Equipe de pesquisadores do Museu Nacional

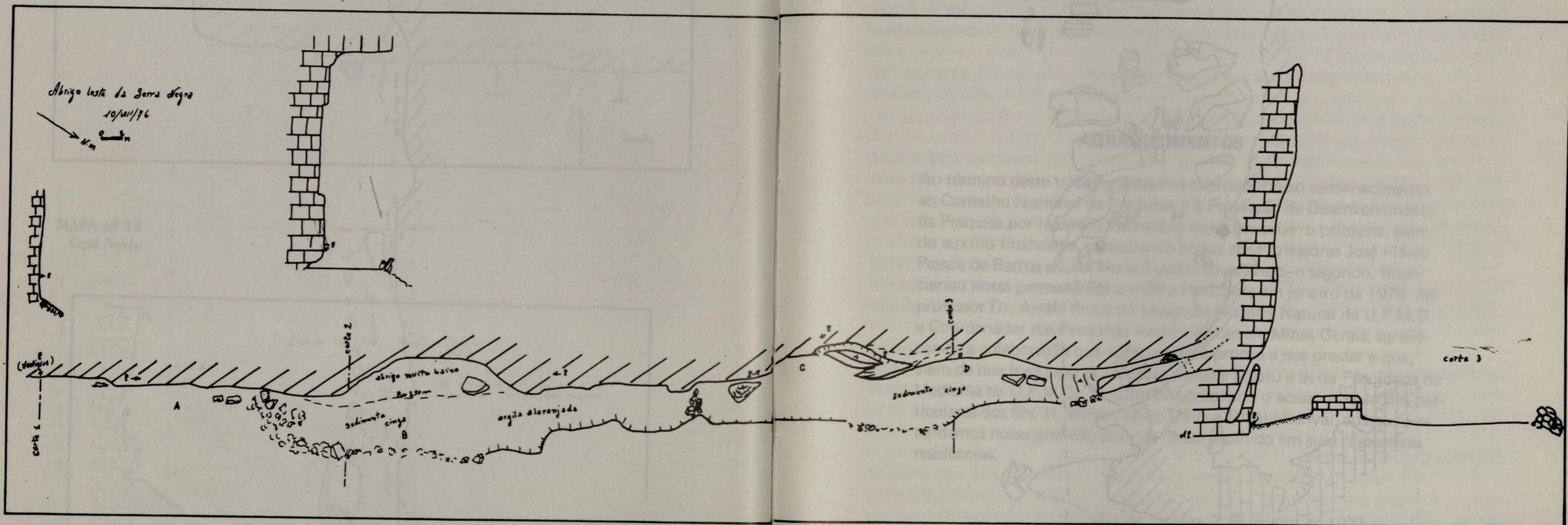
OS ANTIGOS HABITANTES DA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE LAGOA SANTA, MINAS GERAIS, BRASIL - ESTUDO MORFOLÓGICO

* Marília Cavalcão de Mello e Alvim

** Equipe colaboradora:
 Marcos Infante Vieira
 José Flávio Pessoa de Barros
 Lilia Maria Tamaris Choucri

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho gostaria de agradecer ao reconhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo auxílio financeiro concedido aos professores José Flávio Pessoa de Barros e Lilia Maria Tamaris Choucri em janeiro de 1975. Ao professor Dr. André Proença de Sá, Diretor do Museu Nacional da UFMG em Minas Gerais, agradeço por nos prestar e disponibilizar as instalações do Museu Nacional da UFMG em suas respectivas residências.



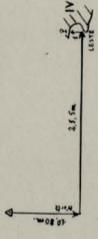
MAPA nº 12
 Corte Norte

corte 3

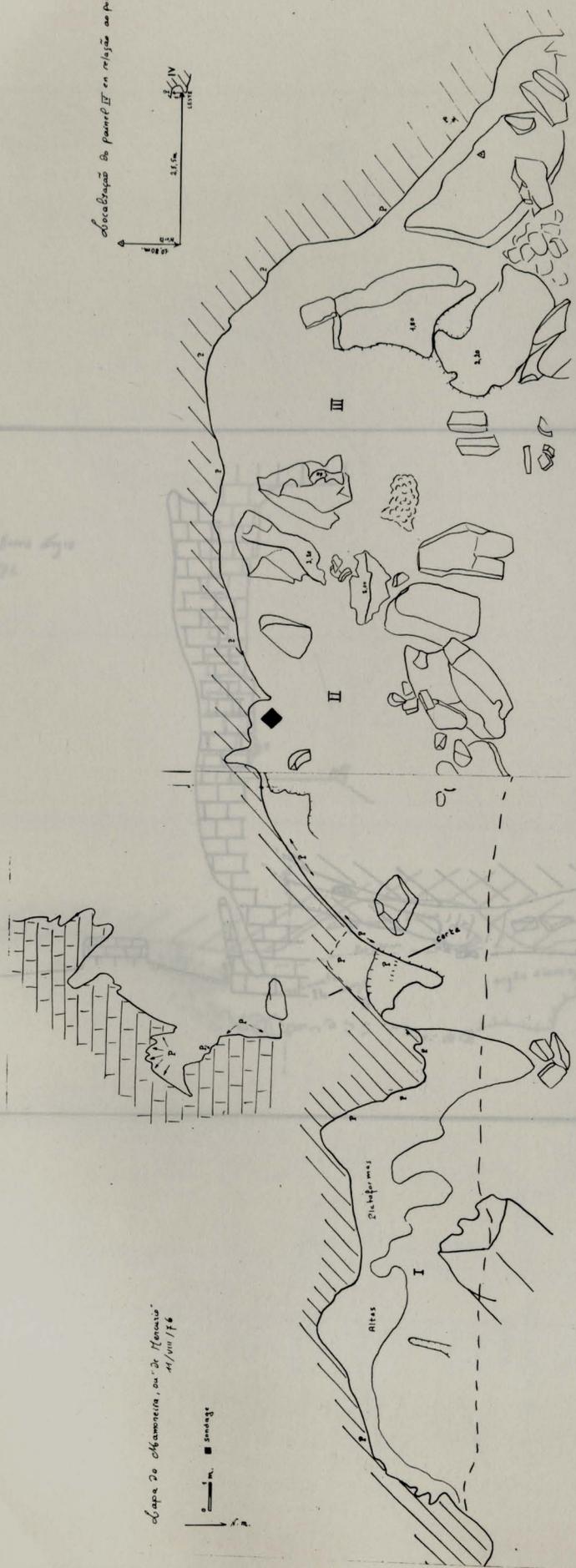
MAPA nº 13
 Corte Leste

MAPA nº 10
 Professora Titular do Museu Nacional (UFRJ)
 Escrivente do Museu Nacional (UFRJ)

Observação de Panel II em relação ao ponto A.



Mapa do Okamneira, ou "St. Helena"
11/VI/196



MAPA nº 16
Mamonqueira